

MANUAL DO MULTIPLICADOR

HOMOSSEXUAL

MANUAL DO MULTIPLICADOR



HOMOSSEXUAL

©1996. Ministério da Saúde

É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

Tiragem: 5 000 exemplares

Elaboração: Unidade de Promoção à Saúde e Assistência
PROGRAMA NACIONAL DE DOENÇAS
SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS/AIDS
Ministério da Saúde

Edição e Distribuição: Centro de Documentação Informação e Comunicação – CDIC
PROGRAMA NACIONAL DE DOENÇAS
SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS / AIDS - PN DST/AIDS
Ministério da Saúde
Esplanada dos Ministérios - Bloco G
Brasília - DF BRASIL
CEP: 70058-900

Publicação financiada com recursos dos Projetos 3559 BR e BRA92/001

Ficha Catalográfica

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. Manual do Multiplicador - Homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.

601 p.

1. Homossexual 2. Multiplicador 3. Manual

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
CAPÍTULO I - O MULTIPLICADOR NA COMUNIDADE HOMOSSEXUAL	
Relembrando funções e perfil.....	9
Como utilizar esse manual.....	9
Carga horária e dinâmica do curso de formação de multiplicadores..	10
Roteiro sugestivo do curso de formação de multiplicadores..	10
CAPÍTULO II -TEORIA DA HOMOSSEXUALIDADE.....	13
Sexualidade Humana	15
Orientação sexual	17
Homossexualidade	18
O que todo mundo deve saber sobre a homossexualidade	19
Ser homossexual não é crime	19
Homossexualidade não é doença	19
Homossexualidade não é pecado	20
A homossexualidade sempre existiu	20
Todos os povos praticam a homossexualidade	20
A homossexualidade é natural	21
A causa da homossexualidade é um mistério	21
Gay, travesti e bofe	21
Homossexualidade não é sinônimo de cópula anal	22
Homossexuais célebres	22
Tipos de Homossexuais	23
Gay	23
Travestis	26
Bofes	26
CAPÍTULO III - METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL	29
Afinal, o que é intervenção comportamental? Para que realizar tal atividade?.....	31
Visitas	32
Pesquisa Comportamental	35
Técnicas de Aproximação	37
Parcerias	38
Oficinas de Sexo Seguro	40
CAPÍTULO IV - DIREITOS HUMANOS DOS HOMOSSEXUAIS	45
Violência anti-homossexual.....	50
Dez dicas de como evitar ser assassinado.....	51
Como evitara violência anti-homossexual.....	52
Garantias Legais da Cidadania dos Homossexuais.....	53
BIBLIOGRAFIA.....	59
LIVROS SOBRE AIDS.....	61

APRESENTAÇÃO

A experiência dos trabalhos de prevenção demonstra que a educação através dos pares está entre as ações de intervenção mais efetivas, sobretudo quando se deseja reduzir o risco de infecção entre indivíduos e/ou grupos cujo comportamento os tornam mais vulneráveis às DST e ao HIV. Membros do próprio grupo, informando e discutindo com seus pares, aliam credibilidade e facilidade de comunicação.

Esse tipo de ação vem sendo estimulada pelo Programa Nacional de DST/AIDS (PN DST/AIDS) através da capacitação de multiplicadores para a formação de monitores para atuarem junto a seus pares.

Neste contexto foi desenvolvido este **Manual do Multiplicador - Homossexuais**, instrumento de orientação e suporte a ação do multiplicador que irá atuar, especificamente, junto à população homossexual. Complementar ao volume **Manual do Multiplicador – Prevenção às DST/AIDS**, que aborda aspectos de ação do multiplicador e monitor, noções básicas de DST/AIDS, técnicas que facilitam o desenvolvimento de metodologia participativa e conteúdo básico sobre drogas, este novo volume traz informações específicas que auxiliarão o treinando a desenvolver suas habilidades como multiplicador e formador de monitores de forma já dirigida à população-alvo a que se destina sua ação, no caso, homossexuais. Para tanto o PN-DST/AIDS contou, na sua elaboração com a colaboração do antropólogo Luiz Mott (GGB - BA) e David Ian Harrad (Grupo Dignidade - PR).

Lair Guerra de Macedo Rodrigues
Coordenadora-Geral do Programa Nacional de
DST/AIDS

**Manual
do
Multiplicador**

CAPÍTULO I

O MULTIPLICADOR NA COMUNIDADE HOMOSSEXUAL

**Manual
do
Multiplicador**

1. O MULTIPLICADOR NA COMUNIDADE HOMOSSEXUAL

Relembrando funções e perfil

Como você pode verificar na leitura do Manual do Multiplicador, o multiplicador é alguém que aumenta e desenvolve extraordinariamente uma atividade de educação. Assim, seu papel como multiplicador para prevenção de DST/AIDS é exatamente esse: formar dezenas e dezenas de *monitores* que irão entrar em contato direto com todo tipo de homossexual, a fim de convencê-los de que é perfeitamente possível ser homossexual sem contrair o vírus da AIDS. Devem existir mais de 15 milhões de *gays* no Brasil, e a cada novo dia pelo menos dois homossexuais morrem de AIDS. Os monitores formados por você farão diminuir o número de homossexuais contaminados pelo vírus da AIDS e com doenças sexualmente transmissíveis (DST).

Ser MULTIPLICADOR é um trabalho importantíssimo, e você deve se sentir orgulhoso de exercer esta função, pois de sua competência em formar novos monitores depende que milhares de *gays* não vão morrer dessa epidemia que já ceifou a vida de tantos homossexuais no mundo inteiro. Só no Brasil, mais de 10 mil *gays* morreram de AIDS nos últimos 15 anos. Cada monitor que você formar vai entrar em contato com inúmeros homossexuais, que vão receber folhetos, camisinhas, que vão participar de oficinas de sexo seguro - e que vão sobreviver a esta epidemia que não brinca em serviço.

Para exercer bem sua função de MULTIPLICADOR, você tem de ser especialista no assunto, ter resposta certa para todas as dúvidas, exercer sua liderança com inteligência, simpatia e responsabilidade - pois milhares de vidas serão salvas através de você!

Para alguém ser escolhido para exercer a função de multiplicador, deve reunir diversas qualidades e potencialidades indispensáveis na condução de um bom curso de formação de futuros monitores. Se o Multiplicador e os Monitores forem membros da própria população-alvo, no caso, se forem *gays*, tal característica pode facilitar enormemente a tarefa, pois já conhecem e praticam aquele estilo de vida que, para um *não-entendido*, implicaria em ter de gastar muito tempo para aprender e se familiarizar com o ambiente. Isto não quer dizer que seja um pré requisito para ser Multiplicador ou Monitor junto a populações de homossexuais praticar o homoerotismo. Há algumas mulheres e homens não homossexuais que vêm realizando trabalho bastante produtivo junto a travestis, michês, etc.

Como utilizar esse manual

Este manual deve ser lido, inicialmente, da primeira até a última página. Leia e releia as partes que você achou mais difíceis. Vá

sublinhando os pontos que considera mais importantes, faça fichas com o resumo de cada capítulo, acrescente nas fichas ou no pé da página os aspectos que consultou em outros livros e poderiam enriquecer esse texto original. No final, encontrará algumas indicações de livros e artigos que poderão solucionar as dúvidas mais complicadas. Se ainda assim, continuar com algumas dúvidas sobre AIDS ou DST, procure conversar com um médico especialista em AIDS ou então ligue para o SOS/AIDS ou Disque/AIDS de sua cidade.

Carga horária e dinâmica do curso de formação de Multiplicadores

Após a seleção dos multiplicadores, o ideal é que este manual seja enviado a cada um dos escolhidos, com um mês de antecedência, para ser previamente lido e estudado. O curso de formação de multiplicadores deve ter a duração de 5 dias, com uma carga horária de 8 horas diárias, perfazendo o total de 40 horas. Seria interessante dividir cada período de 4 horas em uma aula expositiva de uma hora e meia, seguindo-se um intervalo de 15 minutos, e mais duas horas de discussão em grupo. No final de cada dia, deve-se reservar meia hora para recapitulação e avaliação do andamento dos trabalhos. O curso deve ser conduzido por um coordenador especializado nos aspectos sócio-culturais da homossexualidade, contando com a colaboração de dois ou três conferencistas, que abordarão temas específicos, como aspectos epidemiológicos das DST/AIDS e técnicas de dinâmica de grupo.

Roteiro sugestivo do curso de formação de Multiplicadores

1º dia:

MANHÃ: Apresentação do coordenador, dos objetivos do curso, e distribuição do material instrucional a ser utilizado durante o curso. Auto-apresentação de cada participante, com identificação de seu *curriculum* e motivação para participar do curso. Aplicação de um questionário de pré-teste para avaliar o grau de conhecimento sobre AIDS, DST e homossexualidade.

TARDE: Apresentação sobre a AIDS no Brasil. Apresentação de cada participante sobre a situação da AIDS e das ONG/AIDS em sua região.

2º dia:

MANHÃ: Teoria da homossexualidade. Discussão sobre sexualidade humana e homossexualidade.

TARDE: Tipologia dos homossexuais, o Movimento Homossexual e os Direitos Humanos. Discussão sobre terminologia, diferentes tipos e principais problemas enfrentados pelos homossexuais

em cada estado ou região.

3º dia:

MANHÃ: DST/AIDS. Discussão sobre formas de transmissão.

TARDE: Aconselhamento pré e pós-teste; tratamento. Discussão sobre esses temas.

4º dia:

MANHÃ: Metodologia de treinamento. Discussão sobre aulas expositivas e oficinas interativas (oficinas de sexo seguro).

TARDE: Abordagem da população-alvo, e estratégias de IEC. Realização de dinâmicas interativas entre os participantes.

5º dia:

MANHÃ: Como usar o kit do multiplicador; pós-teste.

TARDE: Avaliação comparativa do pré e pós-teste e do curso. Elaboração do relatório final.

Manual
do
Multiplicador

CAPÍTULO II

TEORIA DA HOMOSSEXUALIDADE

Manual
do
Multiplicador

TEORIA DA HOMOSSEXUALIDADE

Nossa população-alvo é constituída pr homossexuais e homens que fazem sexo com outros homens, ou seja, pessoas que praticam a homossexualidade. Portanto, para começo de conversa, vamos discutir como funciona a sexualidade humana, suas características, para então entender a questão homossexual.

Sexualidade Humana

Sexo é uma das questões mais polêmicas, gostosas e complexas da nossa vida. Nascemos de um ato sexual. O prazer sexual é das experiências mais fortes que podemos ter. Sexo como sinônimo de ato sexual é apenas um dos sentidos deste termo, e vamos começar discutindo exatamente os vários sentidos deste conceito.

A palavra **sexo** tem quando menos, seis significados que merecem ser cuidadosamente distinguidos, para melhor entender os homossexuais:

1 - *sexo genético*: é determinado pelos cromossomos, as células que definem a estrutura masculina ou feminina do embrião humano;

2 - *sexo gonadal*: as gônadas da mulher são os ovários, que produzem os hormônios femininos, ou progesterona; as gônadas do homem são os testículos, que produzem os hormônios masculinos, ou testosterona;

3 - *sexo genital*: são os órgãos sexuais externos, na mulher a vagina, e no homem o pênis;

4 - *sexo psicológico*: é a identidade sexual de cada indivíduo: alguém pode ter nascido homem e se sentir psicologicamente mulher, ou vice-versa.

5 - *sexo social*: é o papel de gênero, a forma como cada sociedade vai moldar o comportamento sexual diferenciado dos homens e das mulheres.

6 - *sexo erótico*: é a atração ou orientação sexual dos indivíduos, que poderá ser para o sexo oposto (heterossexualidade), para o mesmo sexo (homossexualidade), ou para ambos (bissexualidade).

Esta introdução é importante porque descarta, logo de início, um dos equívocos que muita gente repete: o sexo genital (pênis e vagina) determina a preferência sexual dos indivíduos, como se os órgãos sexuais de homens e mulheres tivessem uma atração mútua, instintiva e definitiva. Errado: a atração sexual independe do sexo genital dos indivíduos. Outra opinião errada descartada por essa introdução é: homem que gosta de

outro homem, ou mulher que gosta de outra mulher, são pessoas com desordens glandulares ou psicológicas. A normalidade do físico e da mente dos seres humanos independe de sua "orientação sexual".

Várias são as ciências que estudam a sexualidade humana: a Antropologia, a Sexologia, a Psicologia, a Genética. Todas garantem que no ser humano, a sexualidade não é regida pelo instinto, como nos animais irracionais. A sexualidade humana não é só genética, hormonal, genital: o social, o psicológico e o erótico são criações humanas, que variam de povo para povo, e ao longo do tempo, dentro da mesma sociedade. Alguns exemplos: para nós, a nudez causa vergonha, e se alguém exibir seu corpo nu em público, pode até ser preso por atentado ao pudor. Em muitas sociedades indígenas e africanas, homens e mulheres andam pelados, sem escândalo ou malícia. Na Grécia Antiga, o homossexualismo era aceito, e havia até deuses que eram homossexuais; no Candomblé e Umbanda, há Orixás que são metade homem, metade mulher (hermafroditas). No Irã, os homossexuais e as mulheres adúlteras são mortos a pedradas. Na Dinamarca, Suécia e Noruega, os *gays* e *lésbicas* podem se casar oficialmente, e na Holanda há vitrines onde as profissionais do sexo estão à vista e às ordens de quem pague seus serviços eróticos. Estas variações tão extremas da expressão sexual comprovam que *a sexualidade humana é cultural e não instintiva, pois, se fosse ditada pela natureza, seria idêntica para todos os povos e em todas as épocas*. Portanto, é errado dizer que existe uma "moral universal", ou que está escrito no coração dos homens o certo e o errado em questão sexual. Cada povo, e cada casal, é que determina o que é certo ou errado para si próprio. Se homossexualismo vai ser permitido ou condenado, se vai ser considerado pecado ou prática divina, se vai ser aberto ou escondido, nada disso é determinado pela natureza, mas pelos costumes de cada povo. E neste particular, quanto ao amor entre pessoas do mesmo sexo, os estudiosos descobriram que há mais povos que aceitam esta expressão sexual (64% das sociedades humanas) do que as que condenam o homoerotismo (36%).

O que nós, brasileiros, consideramos certo ou errado em questão sexual é herança direta das crendices sexuais do povo judeu. E nos livros sagrados dos judeus e dos cristãos (Bíblia) que estão as bases de nossa moral sexual. É lá que está condenada a masturbação, a mulher adúltera, a nudez, o homossexual. Infelizmente, nossos pais herdaram de nossos antepassados modelos ultra-rígidos e preconceituosos a respeito do sexo. Dentro da tradição judaico-cristã, o único sexo permitido é *papai-mamãe*. Todo o resto, é pecado mortal. Por isso, até hoje, a Igreja condena o uso dos anticoncepcionais, da camisinha, o aborto, o homossexualismo, a masturbação, o sexo fora do casamento. Esses tabus ou preconceitos; felizmente, começam a ser questionados e superados. Por exemplo: diferentes ramos da ciência garantem que a masturbação não é aquela coisa tão feia e perigosa como os moralistas insistem em divulgar; que os homossexuais não são imorais, devendo ser tratados com os mesmos direitos dos demais cidadãos; que o divórcio pode ser a melhor solução para aqueles casamentos que não deram certo. Nos países mais civilizados, as principais igrejas já se modernizaram, e aceitam que mulheres sejam sacerdotes, não condenam os divorciados, abençoam as uniões entre homossexuais.

Estas informações são importantes, porque no Brasil, infelizmente, ainda persistem idéias muito atrasadas sobre a sexualidade

humana, e quando se vai trabalhar com a prevenção da AIDS entre homossexuais, temos que ter respostas certas e convincentes, para calar os intolerantes e dar bons argumentos e mais autoconfiança para quem é vítima do preconceito e da discriminação.

Orientação sexual

Para simplificar: a atração sexual geralmente é classificada em três direções, ou **orientações sexuais** - heterossexual, bissexual e homossexual. Não é muito correto dizer "opção sexual" pois ninguém "optaria" naturalmente por uma expressão sexual tão discriminada e maldita como é a homossexualidade. Os *gays* e *lésbicas* são homossexuais não por uma opção seletiva, mas por uma inclinação ou orientação interna, do mesmo modo que quem gosta do sexo oposto não "optou" por tal preferência, mas desde pequeno sentiu aquela atração específica. Portanto, o termo correto, para definir a preferência erótica dos indivíduos é "orientação sexual".

A maior pesquisa sobre sexualidade humana realizada até agora foi dirigida por Kinsey - o famoso *Relatório Kinsey*, que descobriu que mais da metade dos homens pesquisados já tiveram ao menos um orgasmo com o mesmo sexo. Esta pesquisa foi realizada entre brancos norte-americanos em 1948. Imagine só: 51% dos pesquisados, numa época muito mais conservadora, já tinham chegado à ejaculação com outro homem. E no Brasil, sociedade menos reprimida e meio século depois, qual a porcentagem de homens nesta mesma situação?

Kinsey criou uma tabela muito prática para classificar a orientação sexual humana: a *Escala Kinsey*, que vai do zero (heterossexual exclusivo) ao seis (homossexual exclusivo); no meio, o número três, o bissexual.

- 0 - Heterossexual exclusivo
- 1 - Heterossexual, com 1 ou 2 orgasmos homossexuais
- 2 - Heterossexual, com diversos orgasmos homossexuais
- 3 - Bissexual
- 4 - Homossexual com 1 ou 2 orgasmos heterossexuais
- 5 - Homossexual, com diversos orgasmos heterossexuais
- 6 - Homossexual exclusivo

Cada um de nós ocupa um lugar nesta tabela. Por incrível que pareça, os heteros exclusivos e homos exclusivos são mais raros do que se imagina. Raro é o gay que nunca teve alguma "tentação" ou chegou mesmo, ao menos uma vez, ao orgasmo com uma mulher; do mesmo modo que é raríssimo o machão que nunca imaginou ou chegou a realizar ao menos um ato homossexual. Freud dizia que todo ser humano é potencialmente bissexual. Foi ainda mais longe, escandalizando os moralistas: disse que todos somos "perversos polimorfos", isto é, que o ser humano adora uma "sacanagem", e podemos sentir prazer sexual com

tudo que nos rodeia, seja com o mesmo, com o outro ou com os dois sexos; seja com um travesti que é uma mulher com pênis; seja um barbudo com outro barbudo; ou uma mulher super feminina com outra super feminina; um michê super-homem, mas que na cama vira uma fêmea, etc, etc.

Qual é a explicação ou origem da homossexualidade? Existem mais de 70 teorias tentando explicar porque certos homens se atraem por outros homens, e certas mulheres por outras mulheres. O livro *Teoria e Prática da Homossexualidade*, indicado na bibliografia, é muito ilustrativo desta questão. Alguns pesquisadores dizem que o homossexualismo é genético, outros que é causado por mal funcionamento glandular, outros garantem que é produto de desequilíbrios psico-sociais dentro da família, ou que o hipotálamo dos gays é igual ao das mulheres. Nenhuma teoria é conclusiva, todas se contradizem e são insuficientes. A origem da homossexualidade é a mesma da heterossexualidade: questão de gosto e preferência. O importante é que não existe qualquer diferença física ou mental entre quem gosta do mesmo, dos dois ou do sexo oposto. A homossexualidade é tão normal e saudável quanto a heterossexualidade ou a bissexualidade. A Ciência tem certeza quanto a esta igualdade, e a Constituição Federal defende: "Todos são iguais perante a Lei".

Após essa introdução, todo monitor deve ter bem claro no seu entendimento os seguintes pontos:

1 - a sexualidade humana não é instintiva, é cultural, e não há nada que seja, intrinsecamente, bom ou mau, certo ou errado; tudo depende de quem faz e da aceitação do parceiro. Como bem diz aquela música do Milton Nascimento, "Qualquer maneira de amor vale a pena", desde que haja consentimento mútuo.

2 - nossa sexualidade "brasileira" é herdeira do modelo judaico-cristão, que é ultra moralista, repressivo, fortemente marcado pela "sexofobia" (horror ao sexo), mas que foi "apimentado" e ganhou um jogo de cintura, graças às influências indígena e africana.

3 - três são as principais orientações sexuais humanas: a heterossexualidade, a bissexualidade e a homossexualidade. Todas são normais, naturais e causam a quem as vive os mesmos prazeres, alegrias e problemas, sem que uma seja superior à outra.

4 - dentro de cada orientação sexual, existe enorme variedade de estilos de vida e preferências eróticas, tema do próximo capítulo. Em posse desses conhecimentos gerais sobre a sexualidade humana, vamos, a partir de agora, tratar mais especificamente dos principais aspectos da homossexualidade, pois quem vai trabalhar com população-alvo de homossexuais deve conhecer bem esse assunto.

Homossexualidade

Para começo de conversa, por que apelidaram os homossexuais de "veados"? É só no Brasil que existe essa associação entre o animal veado e o homossexual. Na Europa, o veado representa a

masculinidade e é até símbolo nacional de alguns países. Será que relacionaram o gay ao veado porque se trata de um bichinho elegante, fino, de andar delicado igual o Bambi do filme de Walt Disney? Ou porque na natureza os veados machos andam sempre juntos e transam entre si? Em Pernambuco, chamam o gay de *frango*, no Rio de Janeiro, de *boiota*, no Maranhão de *qualira*, no Ceará de *baitola*, na Bahia de *chibungo*, etc. Tem mais de 60 nomes diferentes usados pelo povão para descrever essa categoria, quase todos usados mais como insulto do que nome próprio.

A palavra HOMOSSEXUAL é a mais antiga e significa "*sexo igual*", sendo, portanto, aplicável tanto para o homem que transa com homem (gay) como para a mulher que transa com outra mulher (lésbica). É uma palavra universal, criada em 1869 pelo jornalista gay Benkert. Portanto, homossexual é quem ama e sente atração pelo mesmo sexo. Heterossexual é o contrário: quem gosta do sexo oposto. Bissexual é o que transa com os dois sexos. Existem portanto, como já vimos, três formas predominantes de **orientação sexual**: a mais praticada é a Heterossexualidade, seguida da Bissexualidade e da Homossexualidade. A palavra GAY também é sinônimo de homossexual: é um termo que já existia no português antigo com o mesmo significado atual: gay significa "alegre" (de gaiato), muito embora nem sempre o homossexual tenha motivos para ser chamado de "rapaz alegre", tantas são as amarguras que tem de enfrentar nesta sociedade heterossexista.

O que todo mundo deve saber sobre a homossexualidade

Atenção: embora as pessoas usem, indistintamente, os termos homossexualidade e homossexualismo, dê preferência à palavra homossexualidade, pois é uma forma de sexualidade, enquanto homossexualismo era sua forma antiga de classificação como "doença".

Ser Homossexual não é crime

Esta é a primeira informação que todo mundo deve saber. Não existe no Brasil nenhuma lei que condene os gays, lésbicas e travestis. Ninguém pode ser preso por ser homossexual. Nem o Código Penal, nem a Constituição Federal condenam o homossexualismo. O preconceito e a discriminação, sim, são proibidos pelas leis brasileiras. Se algum policial, autoridade ou qualquer pessoa insultar, agredir, prender ou discriminar algum cidadão por ser gay, lésbica ou travesti, deve-se reagir e denunciá-lo na delegacia mais próxima ou nas Comissões de Direitos Humanos, nos jornais ou junto ao grupo homossexual mais próximo.

Homossexualismo não é doença

Muita gente ignorante afirma que todo homossexual é um doente físico ou mental. A Ciência diz o contrário: é normal ser homossexual. O próprio Freud, declarou: "A homossexualidade não é nada de que alguém deva envergonhar-se. Não é vício, nem degradação. Não pode ser considerada doença!" O Conselho Federal de Medicina retirou, em 1985, a homossexualidade, da lista dos desvios sexuais. Todas as Ciências confirmam: nada distingue um gay ou lésbica dos demais cidadãos, a não ser que os homossexuais amam o mesmo sexo, enquanto os heterossexuais preferem o sexo oposto, e os bissexuais curtem os dois sexos. Ninguém pode ser obrigado a submeter-se a exames médicos ou tratamentos psicológicos, visando mudar sua orientação sexual. Castigar crianças ou

adolescentes por manifestarem tendências homoeróticas é crueldade e fere um direito fundamental de todo ser humano: a livre orientação sexual. Como o homossexualismo não é crime nem doença, impedir alguém de realizar sua verdadeira orientação sexual é tirania, crueldade, abuso do poder e desrespeito aos direitos humanos. Nunca pratique nem se submeta a esta discriminação. A Ciência e as Leis estão do lado dos homossexuais

Homossexualismo não é pecado

Apesar de muitos pastores e padres dizerem o contrário, Jesus Cristo nunca falou sequer uma palavra contra os gays e lésbicas. Quando algum crente disser que homossexualismo é pecado, deve-se solicitar que mostre nos Evangelhos qualquer condenação do Filho de Deus aos homossexuais. Jesus condenou, sim, os hipócritas, os ladrões, os mentirosos e intolerantes. Cada vez mais, importantes teólogos e estudiosos da Bíblia confirmam que também os homossexuais foram criados por Deus, pois nasceram assim do ventre materno (Mateus, 19-12). E que todas aquelas passagens bíblicas que são citadas contra os homossexuais, ou foram mal traduzidas ou mal interpretadas. Muitas religiões, desde o tempo dos Gregos até os Orixás, respeitam os homossexuais, abençoam suas uniões e têm até divindades que praticam esta forma de amor. Aquelas religiões que discriminam os gays devem ser denunciadas, pois desobedecem nossa Constituição e a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A Homossexualidade sempre existiu

Antes mesmo de ter sido escrita a primeira linha da Bíblia, já existiam documentos, no antigo Egito, com mais de dois mil anos antes de Cristo, que descrevem relações sexuais entre dois deuses e dois homens. O poeta Goethe dizia que o homossexualismo é tão antigo quanto a humanidade, e na própria Bíblia há exemplos de casos homossexuais, como a paixão do Santo Rei Davi por Jônatas. Homossexualidade não é sinal de decadência, nem leva os povos à ruína. Prova disto é a Grécia Clássica, que teve seu momento de maior glória e grandeza exatamente quando a pederastia era muito praticada e respeitada. Não há fogueira da Inquisição, nem pedrada do Levítico, nem AIDS que consiga acabar com o amor entre pessoas do mesmo sexo.

Todos os povos praticam a Homossexualidade

Não foram os brancos que inventaram esta forma de amor. Quando os europeus chegaram no Novo Mundo, encontraram aqui diversas tribos indígenas onde os gays eram muito numerosos e respeitados. Nossos índios chamavam os gays de *tibira*, e as lésbicas de *sacoaimbeguira*. Em Angola, os homossexuais eram chamados de *quimbanda*, e na língua yorubá de *adé*. Na linguagem do candomblé, os homossexuais são chamados *monas* ou *adofiró*. A maioria das sociedades humanas do passado e do presente respeitam os homossexuais. Segundo pesquisas antropológicas, 64% dos povos são favoráveis ao homoerotismo, e 36% são hostis. Infelizmente, fazemos parte desta minoria de povos que discriminam os homossexuais. Os cientistas deram um nome a esta aversão à homossexualidade: HOMOFOBIA. Homofobia é o ódio ou a intolerância à homossexualidade. É uma doença antisocial como o machismo e o racismo. Homofobia é doença que se cura com a informação e -punição daqueles que desrespeitam os direitos humanos dos homossexuais.

A Homossexualidade é natural

Os animais também praticam o homossexualismo. Segundo a Zoologia, desde os percevejos, até as baleias, passando pelos veados e rolinhas, em todo o reino animal, existem relações sexuais de macho com macho e de fêmea com fêmea. Portanto, dizer que o homossexualismo é antinatural, ou vai contra a natureza, é ignorância. Dizer também que os homossexuais ameaçam a sobrevivência da espécie humana é burrice, pois há evidências históricas e antropológicas comprovando que mesmo liberando-se o homossexualismo, sempre haverá um número superior de pessoas que vão preferir o sexo oposto. O Relatório Kinsey descobriu que mais da metade dos homens já tiveram ao menos um orgasmo com o parceiros do mesmo sexo, embora os homens predominantemente homossexuais representem por volta de 10% da população do Ocidente. Portanto, no Brasil, deve existir mais de 15 milhões de homossexuais, população uma vez e meia superior aos habitantes dos 7 estados da região Norte do país.

A causa da Homossexualidade é um mistério

Até hoje, por mais que se pesquise, os cientistas ainda não chegaram a uma conclusão definitiva para explicar a origem do homossexualismo. As teorias que tentaram explicar as causas da tendência homossexual por razões biológicas, genéticas, glandulares, psicológicas, sociais, todas são insuficientes e, muitas vezes, contraditórias entre si. De certo, só se sabe uma verdade: que o homossexual é tão normal como os demais cidadãos. Nada distingue o gay e a lésbica dos demais homens e mulheres, a não ser que os homossexuais gostam do mesmo sexo, e os heterossexuais não. Mais importante do que procurar as causas do homossexualismo, é buscar as causas da "homofobia" e lutar contra o preconceito e a discriminação ao homossexual. As causas da homossexualidade são as mesmas da heterossexualidade, já que entre os humanos não é o instinto que determina a atração sexual, mas a preferência individual: tudo depende de gosto pessoal, de maior identificação com o objeto amado. Se todos gostassem só do azul, o que seria da cor rosa? No mundo há lugar para todas as cores, por isto é que o arco-íris tornou-se o símbolo internacional do movimento homossexual.

Gay, Travesti e Bofe

Do mesmo modo como acontece entre os "heteros", que tem desde o machão até o homem delicado, também entre os "homos" há grande diversidade de comportamentos, estilos de vida e estereótipos. Ser gay não é sinônimo de efeminação, e nem toda lésbica é mulher-macho. Como você sabe, entre os homossexuais do sexo masculino há três grandes grupos: gays, travestis e bofes. Os *gays*, popularmente chamados de bichas ou entendidos, incluem os "enrustidos", as "bichas fechativas" e os "assumidos". Entre os assumidos, os "*gays* ativistas" ou "militantes" são aqueles que se organizaram em grupos para defender seus direitos de cidadania. Os *travestis* se vestem de mulher, alguns usam silicone ou hormônio para feminilizar seu corpo, a maioria vive de prostituição, outros fazem shows ou dedicam-se a profissões ligadas ao mundo feminino. Os *transexuais* se consideram completamente do sexo oposto ao que nasceram, chegando alguns a realizar operação para mudança de sexo. Os *bofes* são rapazes que transam com os gays e travestis mas que não assumem a identidade homossexual: os *rapazes de programa* transam de

vez em quando com homossexuais enquanto os *michês* são profissionais do sexo. Entre as lésbicas há as sandalinhas, ladys, sapatas, entendidas e sapatões. Um lembrete importante: a aparência externa não traduz necessariamente as fantasias e práticas individuais, pois há efeminados que não são gays e machões que na cama viram "*bofonecas*". Há muitos estilos de vida, várias formas de viver suas preferências sexuais. Todos têm direito de viver como querem, desde que respeitando o mesmo direito dos outros. Mais a diante aprofundaremos esta tipologia dos homossexuais.

Homossexualidade não é sinônimo de cópula anal

Muita gente imagina que numa relação homoerótica sempre há penetração. Ledo engano. Tem muito gay que não gosta de dar nem de comer, mantendo relação frente a frente com o parceiro, sem essa de ativo e passivo, macho e fêmea. O sexo não tem sexo! O ser humano não é regido pelo instinto, e sexo também é cultura, invenção, imaginação. É importante lembrar que o sexo não se destina apenas à reprodução, mas ao prazer, à união, amor e amizade entre os amantes, seja de que sexo forem. Se para a reprodução é necessário a penetração, para o amor não. E com o aparecimento da AIDS, é preciso estar bem informado sobre algumas verdades relacionadas ao homoerotismo: primeiro, que a AIDS não é uma doença de gays, pois surgiu entre os heterossexuais e qualquer pessoa pode pegar. Segundo, a AIDS só se transmite através do sangue, esperma e secreções vaginais, de modo que em qualquer relação sexual deve-se evitar que tais líquidos, o esperma, o sangue e as secreções vaginais, entrem no seu corpo ou no corpo do parceiro. Penetração, só com camisinha! Pode-se praticar o "*sexo mais seguro*" evitando a troca destes líquidos. Beijar, abraçar, acariciar, masturbação individual ou recíproca, tudo isto dá prazer, leva ao orgasmo, sem oferecer risco de contaminação pelo HIV, o vírus da AIDS.

Homossexuais Célebres

Os donos do poder sempre procuraram destruir a história dos oprimidos como uma forma de impedir que imitassem seus heróis, tivessem orgulho de sua condição e reivindicassem igualdade de direitos. Os negros têm seus ídolos, as mulheres seus modelos. Também os gays e lésbicas têm seus heróis. Uma das provas mais evidentes de que a homossexualidade não é doença ou algo desprezível, é a quantidade de celebridades na história humana que foram praticantes do "*amor que não ousava dizer o nome*". Mesmo vivendo em épocas em que o homossexualismo era castigado como crime, ninguém conseguiu destruir a paixão de ilustres homoeróticos. Eis uma lista de apenas 10 celebridades que amaram o mesmo sexo: Sócrates, Alexandre Magno, Santo Agostinho, Leonardo Da Vinci, Miguelângelo, Shakespeare, Fernando Pessoa, Santos Dumont, Oscar Wilde, Pasolini. Agora dez mulheres que amaram outras mulheres: Safo, Cleópatra, Maria Antonieta, Catarina da Rússia, Cristina da Suécia, Imperatriz Leopoldina, Marguerite Yourcenar, George Sand, Martina Navratilova, Angela Rorô. Quantos artistas, cantores e cantoras, políticos, esportistas famosos, nossos contemporâneos, são reconhecidos como homossexuais?!

Estas são o que os militantes do movimento homossexual brasileiro costumam chamar de dez verdades sobre a homossexualidade ou o que todo mundo deve saber sobre a homossexualidade. Vamos aprofundar a partir daqui alguns temas que serão de grande utilidade para

o desenvolvimento do projeto de prevenção de DST/AIDS junto a esta população. Como já antecipamos pouco acima, os homossexuais formam grupos ou tipos muito diferentes entre si, tanto na sua forma de vivência social, como na sua linguagem e expressão sexual.

Tipos de Homossexuais

Segundo pesquisas de alguns sexólogos, mesmo se houvesse total liberdade sexual, sempre existiria mais gente atraída pelo sexo oposto - garantindo assim a perpetuação de nossa espécie. Na Grécia antiga, por exemplo, ou no Japão do século passado, lugares onde os homossexuais eram respeitados, essa liberdade não alterou em nada a reprodução da população - sendo portanto um mito dizer que se o homossexualismo for liberado a humanidade estará ameaçada.

Do mesmo modo como ocorre entre os heterossexuais, também existem tipos diferentes de homossexuais, uns mais machos, outros mais fêmeas. A primeira grande divisão é de um lado a homossexualidade feminina, do outro, a homossexualidade masculina. Como a AIDS vem afetando sobretudo os gays, vamos nos ocupar especialmente com os homossexuais masculinos. Na bibliografia final há indicações de livros que tratam especificamente do lesbianismo.

Dentro do universo homossexual masculino, podemos perceber três grandes grupos: **OS gays**, os **travestis** e os **bofes**. É sobre cada um destes grupos que vamos tratar agora.

Gay

Gay significa "alegre" em inglês. A palavra gay já era usada na Espanha **desde a** Idade Média como sinônimo de "rapaz alegre" - o que deu no português o termo "gaiato", popularmente chamado de "engraçadinho".

Gay é o termo universal preferido pelos homossexuais do mundo inteiro. Embora usado mais como identificação dos homoeróticos masculinos, algumas mulheres também se auto-intitulam "gay", entre elas, Martina Navratilova e nossa cantora Marina Lima, que em entrevistas se rotularam de "gay". Hoje as homossexuais femininas cada vez mais preferem o termo "lésbica", em homenagem à mais famosa "entendida" da Antigüidade, Safo de Lesbos.

Os gays, popularmente conhecidos por "bichas", se dividem em 4 grandes grupos: os *enrrolados*, os *assumidos*, as chamadas *bichas fechativas* e os *militantes*. Atenção: as "minorias sociais" às vezes usam entre si certos termos que se empregados por gente de fora, podem ser considerados insultos. Por exemplo: um negro pode chamar familiarmente o outro de "negrão", mas se um branco usar este termo, poderá ser considerado agressivo. A mesma coisa entre os homossexuais: muitas vezes, quando um gay encontra o outro, informalmente, costumam se tratar entre si de "amiga", "bicha", "viado", termos que se usados pelos "da outra banda", podem ser recebidos como insultos. Portanto, no convívio com homossexuais, é fundamental aprender quais os termos e categorias adotados dentro da "comunidade", para evitar "mal-entendidos"... Os espaços urbanos mais freqüentados pelos homossexuais também são

chamados de "gueto gay", incluindo bares, boites, saunas, hotéis, etc. Voltaremos a este tema mais adiante.

Se os homossexuais representam aproximadamente 10% da população do Brasil (mais de 15 milhões de pessoas), os *enrustidos*, também chamados de *incubados*, devem ultrapassar 90% dos homossexuais deste país. Entre os *enrustidos* estão muitos gays que freqüentam boites, saunas e bares gays, mas que não são assumidos em casa, no trabalho ou no bairro. O motivo porque continuam "na gaveta" varia de pessoa para pessoa: ou porque vivem com a família, e os pais não aceitam; ou porque se o patrão é preconceituoso, e souber vai mandar embora; ou por que se os irmãos da igreja descobrirem vão expulsá-lo.

Cada um tem seus motivos para não se assumir, embora muitas destas razões poderiam ser superadas, pois em muitos casos, todo mundo sabe que o *enrustido* é gay, mas continua fazendo aquele joguinho: "eu finjo que não sou e você finge que não sabe". Assumir, em muitos casos, representa o fim do medo da chantagem, e uma nova vida de cabeça erguida e mais feliz. Contudo, não é papel do multiplicador nem do monitor dar opinião ou receita sobre quando ou quanto cada homossexual deve se assumir. Seu papel é transmitir-lhes a informação de que faz parte dos direitos humanos de todo cidadão ter sua orientação sexual respeitada. E que numa sociedade livre e civilizada, ninguém é obrigado a viver na clandestinidade sua sexualidade, nem tampouco é obrigado a estar divulgando para todo mundo quais suas preferências eróticas, simplesmente porque ninguém pode ser discriminado por amar diferente da maioria.

Entre os *enrustidos* há os *bissexuais* que são casados e que levam vida dupla, procurando gays, michês ou travestis para suas transas esporádicas. Portanto, dentro da categoria dos "enrustidos" encontra-se tanto o *entendido* que é exclusivamente gay, que tem uma identidade homossexual, que não é casado nem pretende se casar com mulher, mas que só é assumido dentro do "gueto gay" (bares, boites, saunas), como há também o pai de família, ou o noivo, que vive nos dois mundos - "de noite é Maria, de dia é João...!" Em ambos os casos, coloca-se o mesmo problema para a prevenção da AIDS: os *enrustidos* não podem levar para casa nenhum material de prevenção da AIDS que fale da homossexualidade pois seria a confirmação do segredo cuja descoberta eles mais temem e escondem. A melhor forma de transmitir informações sobre prevenção de DST/AIDS para o *gay enrustido* é:

- através de cartazes com gravuras bem explícitas colocados em lugares bem estratégicos dentro do *gueto gay*, onde por meio de mensagens curtas e diretas, ele se sinta motivado a usar camisinha e praticar o sexo com menor risco;
- através de folhetos curtos e também diretos, com material descartável (barato) para que ele possa ler rapidamente na boate ou no caminho de volta para casa e jogar fora, pois não se arriscaria a levá-lo para seu ambiente familiar;
- através de folhetos com informações básicas sobre AIDS, sem nenhuma referência que possa compromete-lo ou

levantar suspeita sobre suas práticas homoeróticas e que ele pode levar para casa e eventualmente até ser lido por outras pessoas, em geral.

A segunda categoria dos gays são os *assumidos* - aqueles que saíram da gaveta e não negam a própria homossexualidade. Apesar de também haver diferentes formas de assumir-se homossexual, este grupo tem um aspecto em comum que facilita bastante a prevenção das DST/AIDS: eles não escondem que praticam o homerotismo, portanto, a maioria pode levar para casa folhetos e cartilhas que tratem abertamente do sexo sem risco entre homens.

Os assumidos se dividem em "*bichas fechativas*", *entendidos*, e *militantes*. Os mais visíveis são aqueles que o povo chama de "bicha louca" - rapazes efeminados ou "desmunhecados", que não têm como esconder sua "androginia psicossocial", e que se distinguem dos travestis por que não se vestem de mulher, embora alguns adotem nomes femininos, se chamem entre si de "monas", "mulher", etc. "Fechativa" ou "fechação" vem de "fechar", que no vocabulário gay, ou no "bichionário" é sinônimo de "dar bandeira", exhibir-se, "arrazar". A bicha fechativa é certamente a categoria homossexual que sofre maior discriminação e violência, exatamente por se situarem, indefinidamente, na fronteira entre o macho e a fêmea. Há travestis que dizem ter sofrido mais violência nas ruas quando eram "bichinhas" do que depois que vestiram saia.

Geralmente as *bichas fechativas* não transam entre si, repudiam o que chamam de "quebra louça" - dois gays manterem relação de igual para igual, sem definição de macho e fêmea. Elas estão sempre à procura do *bofe supermacho*.

Entre os assumidos que necessariamente não desmunhecaram estão os "entendidos": homens ou rapazes que gostam de transar com outros gays iguais a si, que têm identidade homossexual e que decidiram dar um passo crucial em suas vidas: sair do armário. Passo corajoso, pois como muitos dizem, "é preciso ser muito macho para ser gay" numa sociedade machista que considera o homossexual como o ser mais desprezível de toda a fauna humana. Geralmente vivem independentes de suas famílias, trabalham em locais onde há tolerância à sua homossexualidade e onde são identificados como gays.

Dentre os assumidos, há uma pequenina minoria constituída pelos *gaysmilitantes* ou *ativistas*, membros de algum grupo de defesa dos homossexuais, e que além de terem identidade homossexual, e mostrarem a cara em qualquer lugar, inclusive nos jornais e televisões, são uma espécie de sindicalistas ou propagandistas dos direitos civis dos homossexuais. Praticamente todo gay militante é também um ativista na prevenção da AIDS pois os grupos homossexuais foram as primeiras ONG a iniciar a prevenção da AIDS em todo mundo, inclusive no Brasil. O Multiplicador e os monitores devem manter um relacionamento muito cordial e inteligente com os militantes e grupos homossexuais pois serão seus principais aliados na prevenção da AIDS junto a esta população alvo. Desprezar ou dificultar a colaboração dos grupos gays nesta tarefa é burrice e desperdício de energia.

Travestis

Os *Travestis* constituem a segunda categoria dos homossexuais. Lembrando: dividimos os homossexuais em três grandes grupos: gays/travestis/bofes. Agora é a vez das "travecas".

É a categoria menos numerosa de homossexuais do Brasil: todos juntos não devem ultrapassar 5 mil pessoas. Parece que são mais numerosos porque são mais visíveis e chamam mais a atenção em qualquer lugar onde estão. Os travestis também podem ser agrupados em quatro tipos principais:

- Aqueles que só se vestem de mulher para fazer show em boate gay, e que preferem ser identificados como transformistas, e que fora do palco, durante o dia, são simplesmente gays; alguns *fazem pista* esporadicamente.
- Há também alguns que se "montam" de mulher só de noite, para "batalhar" ou "fazer pista", mantendo em segredo essa dupla vida: "de noite é Maria, de dia é João"...Estes dois tipos raramente fazem alterações femininas definitivas em seus corpos pois socialmente vivem como rapazes. Os travestis de pista formam a categoria mais volumosa. Rara é a cidade com mais de 300 mil habitantes que não tenha um ou dois rapazes de peito profissionais do sexo. Em João Pessoa tem uns 20, em Salvador 200, no Rio de Janeiro e S.Paulo, uns mil e poucos em cada cidade. Muitos feminilizaram seus corpos graças a hormônios ou aplicação de silicone; vivem dia e noite vestidos de mulher, têm nomes femininos, alugam quartinhos em pensões humildes na área de prostituição. Muitos participam da mesma subcultura da violência que domina o submundo da prostituição, sendo vítimas e autores de agressões, roubos, etc. Atendem de 3 a 10 clientes por dia, seja em seus quartinhos, seja no carro das "mariconas" (como eles chamam seus clientes mais velhos, bissexuais ou gays), ou em pensões e moteis. O material informativo sobre DST/AIDS para travecas deve ser bem explícito e direto, pois além de se tratar de um grupo com maior escolaridade que a população em geral, são ultra assumidos e têm tempo, durante o dia, de ler este material. Os travestis de pista têm como clientes uma ampla variedade de homens e rapazes, que inclui além das "mariconas" (executivos de meia idade, homens casados, geralmente proprietários de carro), vigilantes noturnos, taxistas, policiais, marginais, "boyzinhos". (Os transsexuais, diferentemente da maioria dos travestis, são inconformados com sua genitália, e além de terem total identidade com o sexo oposto, se possível gostariam de alterá-la, através de cirurgia).

Bofes

A última categoria de praticantes do homoerotismo - além dos gays e travestis, é constituída pelos "bofes" - que são homens e rapazes

com aparência masculina, que não se assumem gays e que de vez em quando, ou frequentemente, transam com gays e/ou travestis. Tem o bofe que por curiosidade transou uma ou duas vezes, e que não gostou e se definiu depois heterossexual exclusivo. Seria o número 1 da Escala Kinsey. Tem o bofe-bissexual, que gosta de transar igualmente com gay e com mulher, sem interesse comercial. Tem o bofe profissional, que pode ser o rapaz de programa, que só de vez em quando transa com um gay em troca de dinheiro ou de presentes, mas não vive disso. E tem o bofe profissional, chamado de michê, caçador, taxi-boy, que vive da prestação de serviços homoeróticos, seja na rua, nos locais de pegação (como a famosa Via Ápia no Rio ou a Praça da República em S.Paulo), seja atendendo por telefone, através das agências de encontros ou saunas, onde alguns se apresentam como massagistas.

A aparência viril desses prostitutos não significa que sejam sempre "ativos" ou "machões" no ato sexual: alguns cobram mais caro quando são passivos, do mesmo modo que os travestis exigem preço mais alto quando têm de ser ativos. Infelizmente, muitos michês e rapazes de programa se enquadram no que os psicanalistas chamam de "homossexuais egodistônicos" - isto é, o seu ego não está em sintonia com seu desejo erótico. Praticam o homoerotismo mas não se aceitam, desprezam os homossexuais, alguns são agressivos e chegam até a matar seus parceiros sexuais. Numa lista de mais de 1300 gays assassinados nos últimos 15 anos no Brasil, 25% dos assassinos foram identificados como "michês".

O grupo dos bofes é a categoria com práticas homossexuais mais difícil de ser atingida pelos programas de prevenção de DST/AIDS, pois não se organizam em grupos, vivem clandestinamente sua prática homoerótica e muitos compartilham a ideologia que AIDS é "peste gay" e que sendo ativos no ato sexual, não correm risco de contágio. Como não podem levar para casa material educativo sobre sexo entre homens e dificilmente aceitam o convite para visitar a sede de um grupo gay, o melhor meio de motivá-los a adotar comportamentos preventivos é através do contato corpo a corpo, com a distribuição de folhetos curtos, diretos que após lidos na rua poderão descartar antes de chegar em casa.

Estas, portanto, são as principais categorias de homossexuais existentes no Brasil: como toda classificação, muitas vezes a realidade é mais diversificada do que a síntese aqui apresentada. Serve mais como ponto de referência para o multiplicador e os monitores pesquisarem em sua própria cidade e estado em que medida a realidade coincide ou não com esta tipologia.

Manual
do
Multiplicador

CAPÍTULO III

METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL

**Manual
do
Multiplicador**

III. METODOLOGIA DE INTERVENÇÃO COMPORTAMENTAL

Afinal, o que é intervenção comportamental? Para que realizar tal atividade?

Como se sabe, a AIDS se transmite sobretudo através de relações sexuais. Mais de 70% das infecções pelo HIV ocorreram através de secreções sexuais. As DST, como o próprio nome já diz, também são transmissíveis sexualmente. Qualquer estratégia de prevenção dessas doenças deve divulgar informações corretas à população-alvo de como evitar a contaminação. E como ainda não existe vacina contra o HIV e DST, o único remédio é a substituição daquelas situações de risco por comportamentos sem risco ou de menor risco. Em outras palavras, *o sexo mais seguro*.

Mudar comportamento sempre é possível, pois nós, seres humanos, não somos regidos pelo instinto, como acontece com os animais irracionais. Temos necessidades básicas - por exemplo, se alimentar, buscar prazer sexual, descansar - mas todas essas necessidades são manipuladas pela cultura, pelos costumes de cada família, povo ou nação. Portanto, todos os nossos comportamentos, inclusive as práticas sexuais e atração erótica, podem ser controlados ou modificados. Antigamente, quando não havia pílula anticoncepcional, uma das formas de evitar gravidez indesejada era o coito interrompido: o homem na hora de ejacular, derramava o esperma fora da vagina de sua parceira. Com a invenção dos anticoncepcionais e do preservativo de látex, milhões de homens mudaram seus hábitos eróticos.

Portanto, a intervenção junto a "homossexuais com comportamento de risco", visa exatamente substituir tais condutas perigosas por comportamentos de baixo ou nenhum risco. Tal intervenção visa fundamentalmente transmitir informações e técnicas de como evitar DST e infecção pelo HIV. Não se trata de mudar comportamentos por inspiração moralista ou por condenação ética. Esta é a primeira preocupação que todos os multiplicadores e monitores devem sempre ter em mente: enquanto os usuários de drogas devem ser estimulados a procurar aconselhamento psicológico para abandonar o consumo desses aditivos químicos, pois fazem mal à saúde; enquanto se deve oferecer às (aos) profissionais do sexo alternativas para mudar de ocupação naqueles casos em que o meretrício não é uma livre opção mas a única saída de subsistência; no caso dos homossexuais, como a livre orientação sexual é um direito inalienável de todo cidadão, e todas as Ciências garantem que a homossexualidade é tão normal e saudável quanto a heterossexualidade ou a bissexualidade, jamais os monitores devem considerar os homossexuais como portadores de um desvio ou doença, evitando, portanto, qualquer julgamento ou atitude no sentido de "curar" os homoeróticos. O que tem de ser curado é o preconceito, seja contra o homossexual, a prostituta ou o usuário de drogas, aliás, como manda a própria Constituição Federal.

Visitas

É na prática que se testa o quanto se aprendeu nas aulas e oficinas. A visita aos locais onde a população-alvo vive ou se reúne é fundamental para que os monitores possam testar o que aprenderam e constatar com seus próprios olhos e ouvidos se a gramática ensinada corresponde à prática vivida. Para trabalhar com a prevenção da AIDS entre homossexuais, é indispensável a visita à sede dos grupos homossexuais e a seus múltiplos locais de encontro, assim como às entidades públicas que oferecem exame e teste para DST e AIDS.

O primeiro lugar que os monitores devem visitar antes de iniciar o trabalho de campo é a sede do grupo homossexual de sua cidade. (Confira no final deste manual os *endereços dos grupos pertencentes ao Movimento Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis*).

Se existir mais de um grupo gay local, o ideal é visitar todos, mantendo amizade e bom relacionamento. Se não tiver organização homossexual em sua cidade ou Estado, escreva para os grupos mais próximos, ou para aqueles mais dinâmicos e conhecidos, pedindo que mandem todo material sobre prevenção da AIDS para homossexuais, assim como cartazes e folhetos sobre homossexualidade. Para facilitar a recepção desse material, mande na carta alguns selos para cobrir os gastos com o envio do material, pois os grupos homossexuais geralmente são muito pobres.

Aconselha-se primeiro fazer uma visita ao grupo homossexual durante o horário "comercial", para se ambientar com o espaço, consultar o material disponível, criar bons laços com os coordenadores da entidade. Não esquecer que ninguém melhor do que os militantes gays conhecem e têm interesse em proteger sua comunidade da AIDS e de outros fatores negativos que ameaçam o dia a dia dos homossexuais, daí serem tais grupos os principais aliados em qualquer trabalho de prevenção da epidemia junto à comunidade homossexual. Nunca ver ou tratar os ativistas gays como concorrentes, mas como colaboradores indispensáveis. Uma idéia útil é convidar o dirigente do grupo gay a dar uma aula ou fazer uma oficina para os monitores, podendo ser realizadas estas atividades, eventualmente, na própria sede da entidade.

A outra visita à sede do grupo gay deve ocorrer no horário da reunião que geralmente toda entidade realiza semanalmente, onde 10, 20 ou mais gays, lésbicas e travestis discutem temas de seu interesse, como violação de direitos humanos, prevenção da AIDS ou mesmo o planejamento de um concurso de miss gay ou uma passeata para o Dia Internacional do Orgulho Homossexual (28 de junho).

Se houver espaço e tempo, esta é uma ótima ocasião para o Multiplicador e os Monitores exporem aos participantes, com o auxílio dos coordenadores da entidade, quais são os objetivos da ação de prevenção, pedirem a colaboração de todos, oferecerem sua colaboração, comunicarem os locais onde podem se dirigir para obter informações, folhetos e camisinhas. Nas cidades onde os grupos gays têm sede, este é um espaço privilegiado para atuação dos monitores deste projeto, evitando sempre qualquer atrito com os dirigentes do grupo, e respeitando sempre o princípio de que nosso trabalho não deve nunca atrapalhar o funcionamento do grupo ou entidade com as quais desejamos cooperar.

Outra visita igualmente importante para a formação dos monitores é no "gueto gay". "*Gueto*" é uma expressão utilizada para descrever o espaço da cidade frequentado ou privativo de um determinado grupo. Por exemplo, o bairro da Liberdade em S.Paulo pode ser chamado de "gueto oriental". Assim também nas principais cidades do mundo ocidental, os homossexuais costumam ocupar predominantemente algumas áreas, que passam a ser chamadas de "gueto gay", incluindo bares, boates, saunas, cinemas, lojas, restaurantes, praças e ruas de "pegação" (paquera de homossexuais).

Também no Brasil podemos contar com alguns "guias" ou "mapas" já publicados que indicam os principais lugares frequentados por diferentes tipos de homossexuais. Há, por exemplo, o *Guia Gay do Brasil* publicado pelo Grupo Atobá do Rio de Janeiro, o *Guia e Roteiro Gay da Bahia*, do GGB, os mapas "*Homens que fazem sexo com homens*" da Abia e dos grupos Pela Vidda de São Paulo e Rio de Janeiro. Diversos jornais e revistas homossexuais trazem os roteiros gays de muitas outras cidades ou estados. Há, também, um guia internacional, o *Spartacus Gay Guide* que dá algumas pistas úteis. Estes guias podem ser consultados nas sedes dos grupos gays locais.

Acontece que os estabelecimentos de lazer para homossexuais têm geralmente vida curta, daí a importância que em cada curso de formação, os monitores atualizem o levantamento de todos os locais que compõem o gueto gay da sua cidade. Os melhores informantes para este levantamento, novamente, são os membros dos grupos homossexuais, pois as sedes dessas entidades funcionam como centrais de divulgação de tudo de novo que pinta na "cena gay". O "mapeamento do gueto gay" de sua cidade e Estado deve ser uma das primeiras tarefas do curso de formação de monitores. Reunidas as informações coletadas por cada monitor, deve-se elaborar um *Guia Homossexual* da cidade, que depois de datilografado será distribuído a cada participante do projeto.

Mesmo nas menores capitais há ao menos uma boate ou bar frequentada predominantemente por gays, lésbicas e travetis, mas à medida que a população urbana aumenta, a tendência é a existência de locais específicos para cada subgrupo homossexual - por exemplo, boates mais frequentadas por lésbicas, outras onde predominam shows de travestis-transformistas, outros locais com maior frequência de gays de classe alta ou michês, etc. A mesma coisa em relação aos demais espaços de convívio e paquera homossexual: praças, ruas, pontos de ônibus, cinemas, sanitários públicos, praias, etc. Todos esses lugares têm de ser catalogados e visitados por dois ou três monitores, que sem agredir nem empatar a atividade dos frequentadores, deverão primeiramente estabelecer contato amigável com a população-alvo, distribuindo camisinha, identificando-se como participantes de um projeto de prevenção de DST/AIDS junto a essa população, para depois fazer um primeiro levantamento sobre este universo.

Essas primeiras visitas visam familiarizar os monitores com os locais e pessoas com quem nas próximas semanas entrarão em contato para o trabalho de corpo a corpo de prevenção. Portanto, trata-se apenas de um reconhecimento do lugar e da população, devendo cada monitor escrever um relatório sobre tudo o que viu e ouviu, quais os limites geográficos da área visitada, que número aproximado de homossexuais a frequentam, quais os diferentes tipos ou categorias de frequentadores, quais as gírias que usam e seus códigos de comunicação, quais os locais que

poderiam ser mais estratégicos para colocação de cartazes, distribuição de folhetos e camisinhas, quais as estratégias que consideraria mais eficientes para atingir cada um dos frequentadores de todos os locais visitados no gueto gay. Nessas visitas é importante prestar atenção máxima nos costumes, vocabulário e etiqueta da população-alvo, evitando qualquer comentário, risadinha ou atitudes que possam ser interpretadas por eles como desprezo ou preceito. Os monitores devem igualmente cuidar de sua segurança pessoal, pois infelizmente, sobretudo nas áreas de prostituição, pode ocorrer violência, roubos ou abuso de poder por parte da polícia. Estar com documento no bolso e algum atestado ou carteirinha que o identifique como "agente de saúde" ou monitor de Projeto de Prevenção podem ser úteis para evitar violência. Sempre é melhor trabalhar de dois em dois pois dá mais segurança e o trabalho pode se tornar mais eficiente.

Também devem-se programar algumas visitas aos locais de sua cidade onde se presta atendimento a pessoas com DST ou trabalham com testagem de HIV. Como um dos objetivos de qualquer programa de prevenção é encaminhar a população a tratar suas DST e fazer o teste anti-HIV, todo monitor deve conhecer previamente esses lugares, saber perfeitamente seus endereços e horários, as condições de como se submeter a um exame, além de ter familiaridade com os diferentes métodos de testagem. É muito útil manter conversas pessoais com os atendentes e técnicos desses postos de saúde ou COAS pois se manifestarem preconceito anti-homossexual, poderão prejudicar gravemente a aproximação de nossa população-alvo para consultas sobre DST e testagem anti-HIV. Folhetos e cartilhas sobre homossexualidade devem ser repassadas a tais funcionários.

A princípio, o atendimento dado a um homossexual em qualquer unidade de saúde, COAS ou ambulatório deve ser feito com o mesmo respeito dado a qualquer outro membro da sociedade. Este é um princípio ético básico para quem pretende trabalhar com o público na área da saúde. Infelizmente, sabemos que ainda há muito preconceito e desinformação sobre a realidade homossexual e que às vezes é difícil para a recepcionista, o enfermeiro ou até o médico separar suas obrigações profissionais dos seus preconceitos. Assim, recomenda-se que o monitor se reúna com os responsáveis e funcionários das unidades de saúde, COAS e ambulatórios para apresentar o projeto e seus objetivos e explicar que haverá um aumento de homossexuais procurando os serviços de saúde.

Em particular, deve-se destacar a necessidade da mais completa discrição no atendimento, evitando sobretudo que a pessoa seja obrigada a revelar sua condição de homossexual no guichê de recepção para evitar constrangimento junto às demais pessoas.

O contato com as ONG que trabalham com AIDS é igualmente indispensável: uma visita a essas entidades, com apresentação do trabalho que vêm desenvolvendo e análise do material informativo por elas utilizado, pode dar boas pistas para uma ação mais eficiente junto à população-alvo. As mesmas recomendações feitas quanto aos grupos homossexuais são válidas para as ONG/AIDS: zelar por um bom relacionamento com todas, se possível mantendo-se neutro em seus confrontos e posicionar-se não como competidores mas como colaboradores solidários na luta comum contra a epidemia.

Pesquisa Comportamental

Existe uma visão simplificada de que todos os homossexuais são promíscuos, que só pensam em sexo, que em suas relações sempre há o ativo e o passivo, que a maioria dos gays são molestadores de crianças, que os mais efeminados são os mais passivos. Mitos e mais mitos. E como saber se tais "opiniões" são verdadeiras ou fantasiosas? Através da pesquisa comportamental.

Depois que foi realizado o mapeamento do universo gay de sua cidade ou Estado, onde se observou quais os diferentes tipos de vivência homossexual - a famosa *tipologia dos homossexuais* - o próximo passo é o levantamento dos hábitos e costumes da população alvo, que inclui tanto o conhecimento de sua "cultura" (linguagem, formas de socialização e convivência intragrupal e extragrupal), como o levantamento de seus hábitos sexuais e maior e menor risco de transmissão de DST e HIV.

A vida sexual e o comportamento social de um travesti prostituto geralmente são bastante diversos do estilo de vida e das práticas eróticas de um gay enrustido ou assumido, ou de um bofe que apenas esporadicamente se relacione sexualmente com outros homens. Portanto, faz-se necessário o levantamento ou pesquisa quando menos sobre as três principais categorias de praticantes do homoerotismo - os **gays, travestis e bofes**.

Este levantamento deve ser realizado primeiro através da *observação participante* dos monitores, que em seus relatórios semanais descreverão os hábitos e costumes da população-alvo. Todo monitor deve sempre trazer consigo uma caderneta para anotar tudo que viu durante as visitas aos diferentes lugares do "gueto gay", anotando o número de pessoas com quem entrou em contato, os temas de maior interesse das conversas mantidas, o vocabulário ou gírias mais usadas sobretudo para descrever o universo homoerótico, etc. A segunda e mais importante forma de levantamento dos hábitos e costumes da população-alvo é o *questionário*, que deverá ser aplicado a uma amostra de cada um dos três tipos de vivência homossexual: gays, travestis e bofes.

O objetivo deste questionário é coletar, de forma sistemática, dados quantitativos sobre cada um destes subgrupos, servindo tais dados, mais como estimativas do que como estatísticas, para fornecer um quadro numérico das pessoas que serão atingidas pelo projeto, auxiliando o planejamento da quantidade de folhetos, camisinhas e monitores necessários para a intervenção comportamental.

O questionário deve ser elaborado numa ou mais reuniões conjuntas do multiplicador com os monitores após terem visitado mais de uma vez os principais locais do "gueto gay", pois já terão uma idéia geral dos problemas mais importantes a serem pesquisados. Tal questionário deve ser anônimo e de preferência com perguntas objetivas, para ser preenchido pelo monitor.

Quatro conjuntos de informações devem estar presentes no questionário:

- 1) informações demográficas básicas sobre cada entrevistado (idade, cor, profissão, escolaridade, religião, residência, situação econômica)
- 2) reconstituição de sua vivência homossexual (como se define, se é assumido ou não, se tem caso fixo, opiniões sobre a homossexualidade, etc)
- 3) descrição detalhada sobre suas práticas homoeróticas (preferências sexuais, número de parceiros, prática e/o relação com a prostituição, etc)
- 4) conhecimento sobre DST/AIDS e sexo sem risco.

Atenção: várias ONG/AIDS e grupos homossexuais, alguns inclusive financiados pelo Programa Nacional de AIDS do Ministério da Saúde, já realizaram este tipo de pesquisa, e dispõem de modelos de questionários que podem ser solicitados e adaptados à realidade de cada estado ou cidade. Não existem em solicitar cópias de tais questionários, e aproveitar/adaptar seu conteúdo, lembrando-se sempre, é claro, de agradecer à ONG e citá-la se publicarem algum material. Copiar trabalhos alheios sem citar a fonte é antiético.

A finalidade deste questionário, como dissemos, é conhecer de forma mais clara e significativa, a população-alvo, e para tanto, deve ser numericamente representativo: por exemplo, se numa cidade os próprios travestis calculam que devam existir 50 "rapazes de peito", é até possível entrevistar mais da metade desta população-alvo. Os "michês" além de mais problemáticos de aceitarem ser informantes numa pesquisa sexológica, geralmente são muito mais difíceis de ter seu número avaliado, de modo que entrevistar 10 ou 20 "bofes" já pode dar uma boa idéia de seu universo. Quanto aos "gays" - a categoria mais numerosa, tem-se de entrevistar tanto os assumidos quanto os enrustidos, quando menos uma dezena de cada categoria, para se chegar a uma visão conjunta mais próxima da realidade.

A experiência das visitas anteriores ao gueto gay dirá em que locais e momentos os "informantes" estão mais disponíveis a responder o questionário, sendo sempre indispensável explicar perfeitamente que as informações serão mantidas anônimas, e têm como objetivo tornar mais eficiente a prevenção da AIDS e DST nesse meio específico.

Pesquisas deste tipo devem contar com a assessoria de algum "expert", geralmente um cientista social (sociólogo, antropólogo, assistente social, psicólogo), que pode dar boas idéias tanto na elaboração do questionário como na sistematização e interpretação dos resultados. É indispensável que antes de tirar cópias dos questionários, alguns sejam aplicados junto a diferentes segmentos homossexuais, para ver se as perguntas estão bem formuladas, se a população-alvo entendeu as questões, se não está muito longo, etc. Só depois se providenciará a xerox ou impressão do texto definitivo. O questionário deve ser aplicado logo no início da atuação do projeto, para se levantar as práticas sexuais e o conhecimento sobre DST/AIDS antes da intervenção dos monitores. No final do projeto será realizado outro levantamento junto aos homossexuais trabalhados pelos monitores, para avaliar qual o impacto da intervenção,

quantos adotaram procedimentos de sexo sem risco, qual o consumo correto de preservativos, etc.

Recapitulando: a pesquisa inicial visa fundamentalmente conhecer a população-alvo, sua linguagem, seus espaços de socialização e encontros, suas práticas eróticas, tudo isto objetivando a mudança comportamental: substituir práticas de risco de contaminação das DST e HIV por comportamentos mais seguros. A parte mais qualitativa do universo homossexual - seus locais de encontros, o gueto gay, a linguagem ou gírias de cada subgrupo, todos estes aspectos que foram coletados nas visitas prévias anteriores à aplicação dos questionários, deverão ser incorporados no relatório final da pesquisa, funcionando como uma espécie de recheio qualitativo.

Técnicas de Aproximação

Quanto às técnicas de aproximação dos monitores junto à população-alvo, seja para este questionário, seja para os demais contatos de corpo a corpo, algumas regras já foram citadas em páginas anteriores, e poderiam ser resumidas em 5 pontos:

- nunca "forçar a barra", evitando tornar a presença do monitor desagradável ou maçante para evitar que a população-alvo boicote o projeto;
- jamais emitir qualquer opinião ou assumir qualquer gesto ou postura que sejam interpretados pelos homossexuais como censura ou reprovação, cabendo ao monitor tão somente intervenção na mudança dos comportamentos de risco de transmissão das DST/HIV, sem qualquer ingerência na "orientação sexual" destas pessoas;
- tanto no primeiro contato como nos subsequentes, a distribuição moderada de camisinhas pode ser um bom chamariz, pois como é um produto cobiçado pelos homossexuais, pode quebrar o gelo e facilitar a conversa; não deve, contudo, o monitor ser visto apenas como a fonte dos preservativos, aconselhando-se, às vezes, não distribuir camisinha para evitar esta rotina;
- a distribuição de "Vale Grátis Camisinha", com o endereço da sede do projeto, ou dos grupos gays ou ONG/AIDS, também deve ser intercalada com a distribuição de preservativos, pois estimula a população-alvo a procurar aqueles espaços políticos onde além do preservativo e de conversas mais íntimas com os monitores poderão receber material de reforço para o desenvolvimento de sua cidadania;
- em certas boates e bares, pode ser que a utilização de uma "drag-queen" ou de um "bofe escândalo" situado num local estratégico, com cartazes e folhetos, possa atrair mais curiosidade e ser mais eficiente do que o trabalho de formiguinha dos monitores: intercalar essas estratégias pode resultar em maior eficiência do projeto.

Cada grupo de monitores descobrirá novas técnicas de aproximação, adaptadas à realidade de sua cidade, discutindo sempre nas reuniões semanais as estratégias de aproximação que se revelaram mais positivas. Dê asas à sua imaginação!

Parcerias

Para um trabalho de mudança comportamental ter continuidade depois do término do projeto é fundamental que se estabeleçam fortes parcerias com as lideranças tanto da população-alvo quanto das entidades que as representam, pois serão estes líderes naturais ou os novos líderes despertados pelo Projeto que vão dar continuidade à campanha.

No caso do gueto gay, a primeira parceria deve privilegiar os donos de boates, bares, saunas, gerentes de cinemas de pegação, e demais espaços de lazer frequentados por homossexuais. Uma conversa esclarecedora com cada um deles, a distribuição de material explicativo, seguido da convocação para uma reunião de todos esses proprietários para juntos planejarem uma estratégia de prevenção, são medidas importantíssimas, pois serão estas pessoas chaves que permitirão fixar cartazes em seus estabelecimentos comerciais; que abrirão espaço nos shows para que os monitores ou os próprios artistas transmitam mensagens, informações ou endereços úteis para a prevenção.

Nas boates e bares onde há shows, seja de travestis ou de "bofes", é indispensável um contato cordial e constante com estes artistas da noite, pois eles poderão ser peças importantes na divulgação do projeto quando usam o microfone no palco. Se possível, tentar que os transformistas ou travestis que fazem shows produzam um número especial sobre o uso da camisinha, cabendo aos monitores fornecer material informativo e preservativos necessários para a realização do show de sexo seguro, técnica muito utilizada na Tailândia e outros países onde também são frequentes tais exibições artísticas.

Além dos donos de estabelecimentos no gueto gay, é de vital importância a parceria com os dirigentes dos grupos homossexuais organizados, como já se enfatizou anteriormente, pois já existindo antes da instalação do projeto de prevenção, continuarão atuantes após seu término, podendo suas sedes funcionar como ponto de distribuição de material educacional, preservativos e realização de oficinas de sexo seguro.

Caberá aos monitores descobrirem, em cada ambiente do gueto gay, com que indivíduos ou grupos de indivíduos estabelecer novas parcerias para auxiliar o trabalho durante e depois da execução do projeto. Tais relações devem ser pautadas pela cordialidade e profissionalismo, estimulando o surgimento de novos líderes, reforçando aquelas lideranças mais conscientes e envolvidas com a cidadania plena da população-alvo. É fundamental que o multiplicador e os monitores assim como a população-alvo se conscientizem que quanto maior for a auto-estima dos homossexuais e a consciência de que a prevenção das DST/AIDS faz parte do exercício da cidadania, maior será o sucesso do projeto e consequentemente, menor a taxa de infecção dentro desta comunidade.

Antes de concluir esta parte das parcerias e técnicas de

aproximação, vejamos mais alguns detalhes sobre as estratégias de distribuição e uso de materiais informativos no trabalho de corpo a corpo com os homossexuais de diferentes categorias.

A distribuição de material informativo dependerá do local e tipo de atividade que está sendo realizada. Num ambiente mais formal, como numa palestra, por exemplo, provavelmente será apenas possível deixar material na entrada da sala, ou pôr em cada uma das cadeiras antes das pessoas chegarem. Como se sabe, só dar informação sem ter educação e comunicação não proporcionará os resultados esperados. É preciso saber dosar bem a informação, educação e comunicação. Sobretudo, é importante sempre ter em mente que o papel do monitor não é de ser um mero entregador de camisinhas e panfletos.

Assim, nos trabalhos de corpo-a-corpo, o importante é criar um vínculo, através da conversa, a qual pode começar com generalidades para passar em seguida ao tema da prevenção. O panfleto serve de reforço para a pessoa abordada ler com mais atenção num outro momento assim como fornecer endereços úteis onde buscar mais informações ou cuidados médicos. O panfleto nunca deverá representar o foco principal do trabalho de abordagem.

Também é evidente que não haverá uma grande diversidade de panfletos disponíveis, de modo que ao voltar com frequência nos locais mapeados, algumas pessoas já terão recebido o mesmo folheto em visitas anteriores, o que pode tirar seu impacto. Daí a importância de variar os folhetos disponíveis e enfatizar mais os contactos cara a cara do que só a panfletagem.

Outro meio de informação é o cartaz. Da mesma forma, o cartaz deverá ser afixado e estar disponível para distribuição entre aqueles participantes que o solicitarem em atividades como palestras, locais públicos ou de lazer. Sempre é recomendado pedir autorização prévia aos proprietários destes estabelecimentos para que os cartazes não sejam arrancados tão logo o monitor vire as costas. Lembrar-se sempre que todo o material educativo é resultado de muito trabalho, gastos e que foram produzidos para salvar vidas e não para serem desperdiçados ou destruídos.

Com a exceção de locais ao ar livre, o cartaz deve ser levado em todos os locais mapeados, pelo menos mensalmente, para ser afixado conforme necessidade.

Vídeos também podem ser levado nestes lugares, desde que planejado conjuntamente com a gerência. Em palestras e grupos de discussão, um vídeo pode servir para iniciar a discussão. A seleção do que será mostrado é fundamental, pois vídeos muito longos, chatos, produzidos para outras populações-alvo, em vez de ajudarem, podem até atrapalhar a comunicação. Em boates gays mais sofisticadas, onde já há exibição regular de vídeos homoeróticos, é um excelente espaço para mostrar vídeos sobre sexo seguro: deve-se deixar uma cópia com os encarregados da exibição, insistindo que sejam exibidos frequentemente. Os grupos gays e algumas ONG/AIDS estrangeiras dispõem de vídeos fantásticos sobre "safer sex" - cópias deste material podem ser obtidas junto à ABIA e principais ONG/AIDS nacionais.

Oficinas de Sexo Seguro

As *oficinas de sexo seguro* estão muito em moda atualmente, e poderão ser uma das técnicas de prevenção a serem testadas em sua cidade. O livro *Sexo Seguro*, divulgado pelo GAP/SP, é muito útil para esclarecer detalhadamente quais relações eróticas podem ser classificadas como sem risco, com pequeno, médio e alto risco. Já existem também diversas cartilhas e folhetos produzidos por grupos gays e ONG/AIDS tratando do sexo com menor risco para homossexuais. As oficinas de sexo seguro são o melhor espaço para se discutir e treinar o uso correto da camisinha. Para tais oficinas é aconselhável aproveitar a existência de grupos de pessoas que já tenham algum hábito de reunir-se, pois a experiência tem mostrado que convidar numa boate gay seus freqüentadores anônimos para participar no dia tal de uma oficina dessas, quase ninguém aparece. Essas oficinas duram geralmente mais de uma hora e são mais divertidas e dinâmicas se tiver à disposição de todos participantes - 10 a 20 no máximo - papel, lápis, se possível quadro negro ou folha grande com pincel mágico, preservativos, lubrificante K-Y, algumas revistas ou fotos homoeróticas e um pênis de borracha - que na sua falta pode ser substituído por uma cenoura ou banana.

Dinâmica de uma oficina de sexo seguro: sentados em círculo, o monitor abre a oficina falando 3 minutos sobre a importância de discutir as técnicas de prevenção da AIDS e das DST, salientando que a AIDS não veio acabar com o prazer sexual, e que essa reunião visa exatamente discutir técnicas eróticas altamente prazerosas e que não oferecem risco de contaminação. Consulta os presentes para conferir se já estão informados sobre as secreções sexuais que podem transmitir o HIV e logo em seguida, cada um diz rapidamente seu nome e ocupação ou bairro onde reside, para criar um clima grupai.

Feita essa identificação, é distribuída uma revista ou fotografias homoeróticas aos presentes que, de dois em dois, terão 5 minutos para selecionar os atos sexuais que na opinião deles oferecem menor, médio e alto risco de transmissão do vírus da AIDS.

Na falta de revistas, e se se trata de um grupo homogêneo de homossexuais que já se conhecem, pode-se iniciar a oficina pedindo que cada um troque confidências com seu vizinho, narrando detalhadamente sua última relação sexual, ou o que mais gosta de fazer.

Terminados esses 5 ou 10 minutos de levantamento dos atos sexuais nas revistas ou de troca de confidências, o monitor pede que os participantes comecem a relacionar todas as atividades sexuais discutidas, escrevendo no quadro as que não oferecem risco, as de pequeno, médio e alto risco. Aí começa-se a discutir cada uma destas transas, estimulando-se que o maior número de participantes emita sua opinião, evitando que poucos monopolizem a discussão e estando sempre atento para que as conclusões sejam corretas e entendidas por todos. Esta discussão deve levar de 20 a 30 minutos.

O próximo passo será a demonstração do uso correto do preservativo - prática já conhecida por quase todo homossexual, mas que convém reforçar as noções básicas de como abrir o envelope, dos cuidados ao cobrir o pênis, do uso de lubrificante adequado, etc. O pênis de borracha ou a cenoura ajudarão a tirar as dúvidas. O folheto do Ministério da

Saúde sobre o uso correto do preservativo deve ser rapidamente lido e distribuído para todos os presentes.

Qual a finalidade de uma oficina de sexo seguro? Estimular e convencer os recalcitrantes de que ou a pessoa muda seus comportamentos de risco, ou corre o risco de se contaminar. Pesquisas realizadas nos países do Primeiro Mundo revelam que quem mais se protege é quem teve alguém próximo que morreu de AIDS. Nem todos os homossexuais brasileiros tiveram algum amigo próximo, amante ou parente infectado pelo HIV, daí considerarmos importante que haja espaço numa oficina de sexo seguro para que alguns presentes dêem depoimentos sobre alguns homossexuais seus conhecidos que estão ou que morreram de AIDS: sua idade, grau de proximidade, tipo de vida que levava, suas práticas sexuais, os sintomas da doença, o sofrimento. Dois ou três depoimentos bem realistas são suficientes para alertar aos que ainda não se convenceram de que a AIDS pode ser evitada através do sexo seguro.

Convide dois ou três dos participantes a darem sua opinião final sobre o que acharam da oficina, se aprenderam coisas que não sabiam e sobretudo se pretendem só praticar sexo sem risco. É assim que os crentes reforçam a fé e convicção daqueles que se converteram. Terminada a seção o Coordenador dá informações úteis onde conseguir camisinha grátis, os endereços das ONG/AIDS e grupos gays, as próximas atividades do projeto, etc. Tudo isso bem planejado pode terminar dentro de no máximo uma a uma hora e meia. Mais do que esse tempo, é abuso, pois dificilmente se encontrará homossexuais que estejam dispostos e tenham paciência de participar de uma oficina que leve duas ou até três horas.

Há outras formas de se conduzir uma oficina de sexo seguro que podem ser aprendidas, seja convidando algum integrante de ONG/AIDS ou grupo homossexual para transmitir sua experiência, seja consultando outros manuais do gênero.

Além dos cursos, palestras, oficinas de sexo seguro, outra metodologia de prevenção é a **Intervenção corpo a corpo**, ou **cara a cara**. Num show numa boite gay, por exemplo, o monitor pode pedir para usar o microfone, entre uma apresentação e outra, transmitindo mensagens curtas e diretas sobre a importância do uso da camisinha, onde consegui-las de graça ou anunciar alguma próxima atividade do projeto. Em poucos minutos pode atingir centenas de pessoas, precisando para tanto ter humor, presença de espírito e preparar bem seu "recado", para não ser chamado de "empata foda". Após descer do palco, é indispensável ficar num local bem visível ou circular por toda a boite distribuindo camisinhas e folhetos com os endereços do projeto. Este é um tipo de intervenção excepcional de corpo a corpo, pois o mais comum, no dia a dia, é o monitor percorrer o gueto gay: ruas, praças, saunas, bares, sanitários e pontos de maior paquera e pegação, aproximando-se de cada gay, michê, travesti ou bofe, tentando iniciar um papo sobre prevenção, distribuindo folheto e eventualmente camisinha.

Nesta sociedade violenta e selvagem onde vivemos, nem todos recebem bem uma abordagem direta de um desconhecido, de modo que se houver possibilidade, é bom que os monitores tenham camisetas com frase ou imagem bem explícitas que os identifiquem com a prevenção da AIDS. Entregar um folheto pode ser mais aceitável por um desconhecido do que dirigir-lhe a palavra. Por exemplo: se o monitor for panfletar num

bar gay, uma "técnica de guerrilha" é ir deixando um folheto em cada mesa, mesmo que tenha mais pessoas sentadas.

Terminadas todas as mesas, passe de novo em cada mesa com os folhetos na mão, e verá que muita gente que não o recebeu vai pedir um para ler.

Quanto à promoção do uso de preservativos, já citamos várias situações em que o monitor distribui camisinhas para a população-alvo: nas oficinas de sexo seguro, após uma falação no palco de uma noite gay, nas visitas aos diferentes espaços do gueto gay.

A camisinha sendo um bem raro e cobiçado, deve ser usada com inteligência. Embora o ideal fosse que após receber alguns preservativos grátis, a população-alvo tomasse a iniciativa de comprá-lo, mesmo nos países ricos e com homossexuais de muito maior poder aquisitivo, os programas de prevenção continuam distribuindo condon gratuitamente. Aí colocam-se alguns problemas: como muitos homossexuais são pobres e têm dificuldade de empregar-se, alguns acumulam camisinhas com a finalidade de vender. Isto deve ser evitado pois disvirtua o sentido do projeto e beneficia alguns espertos em detrimento de quem realmente carece recursos para adquirir o preservativo.

O ideal seria, por exemplo, distribuir uma camisinha para todo mundo num bar, em vez de dar duas ou três só para alguns privilegiados. Portanto, no caso das camisinhas virem em carteias de duas ou três, é bom separar de uma em uma antes de chegar no local onde será feita a distribuição, colocá-las num saco plástico (desses de supermercado) que, pendurado no braço, não atrapalha a distribuição dos folhetos aos usuários. Se o monitor notar que alguma camisinha foi usada como balão, procure conversar educadamente com o autor desta infeliz idéia, convencendo-o a não repetir este gesto absurdo. Distribuir camisinhas em locais de grande concentração de gente, por exemplo, num teatro quando de um concurso de miss-gay, não é muito aconselhável, pois se um usou a camisinha como bexiga, a tendência é outros imitarem, o que representa um desperdício inaceitável. Em locais como esse, enquanto o público espera o início do espetáculo, é um momento ótimo para as pessoas lerem folhetos educativos, e os monitores devem estar sempre informados sobre os próximos eventos para atingir certos grupos de indivíduos que raramente frequentam o gueto gay, mas não perdem esses espetáculos artísticos.

Dependendo da disponibilidade dos monitores e de sua equipe de apoio, podem de vez em quando planejar um "happyning" - o que na gíria gay pode ser traduzido por "fechação": num espaço de grande circulação de gays, dentro do gueto, armar uma barraquinha, instalar uns cartazes em cavaletes, se possível armar uma faixa, e distribuir aos passantes material educativo. Uma drag-queen ou transformista pode atrair muito mais curiosos e tornar a pafletagem mais descontraída.

Nos locais públicos e de pegação onde os gays fazem sexo - saunas, sanitários, cinemas, parques, etc - coloca-se sempre a questão: há ou não problema se o monitor também participa eventualmente de contactos sexuais? O que deve orientar a decisão local sobre esta eventualidade não são princípios morais, mas a ética profissional, pois os monitores foram contratados para exercer com eficiência um trabalho preventivo. Do mesmo modo como seria pouco recomendável e criaria má

impressão junto à população-alvo caso o monitor ficasse bêbado ao fazer um trabalho de corpo a corpo num bar gay, assim também, antes de eventualmente entregar-se nos braços de Eros durante o seu horário de prevenção, o monitor deve pensar nos prós e contras de começar uma transa num banheiro público, sauna ou praça de pegação. Tem de avaliar se tal ato não vai prejudicar sua respeitabilidade junto à população-alvo, se não vai ser preso pela polícia e criar problemas para o projeto, etc. Novamente aqui, um ditado popular parece ter certa sabedoria: "amigos, amigos; negócios a parte".

Manual
do
Multiplicador

CAPÍTULO IV

DIREITOS HUMANOS DOS HOMOSSEXUAIS

Manual
do
Multiplicador

IV - DIREITOS HUMANOS DOS HOMOSSEXUAIS

No segundo capítulo deste manual discutimos as "dez verdades sobre a homossexualidade" e os diferentes tipos de homossexuais existentes no Brasil. Vamos agora conhecer um pouco mais sobre o aspecto político desta categoria, ou seja, a luta pelos direitos de cidadania dos homossexuais.

O Movimento de Defesa dos Direitos dos Homossexuais surgiu na Europa, no final do século passado, tendo como principal bandeira a descriminalização da homossexualidade e o reconhecimento dos direitos civis dos homossexuais. Durante o nazismo, mais de 300 mil gays foram presos nos campos de concentração. Só depois da Segunda Guerra Mundial que o Movimento Homossexual começou a se estruturar na Europa e Estados Unidos.

O dia 28 de junho de 1969 é a data que marca o início do moderno movimento gay mundial, quando no bar Stonewall, em Nova York, os homossexuais se rebelaram contra a perseguição policial, comemorando a partir de então, todo 28 de junho como o "Dia Internacional do Orgulho Gay e Lésbico".

No Brasil, em 1978 é fundado o jornal O Lampião, principal veículo de comunicação da comunidade homossexual, e em março de 1979 surge em S.Paulo nosso primeiro grupo de homossexuais organizados: o Somos, organizando-se a seguir o Somos/RJ, o Grupo Gay da Bahia, o Dialogay de Sergipe, o Atobá e Triângulo Rosa no Rio de Janeiro, o Grupo Lésbico-Feminista depois chamado Um Outro Olhar (SP), o Dignidade de Curitiba, o Grupo Gay do Amazonas, o Grupo Lésbico da Bahia, etc. A No segundo capítulo deste manual discutimos as "dez verdades sobre a lista completa e os endereços dos grupos gays, lésbicos e travestis em funcionamento encontra-se no final deste manual. Em 1980 é realizado o 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais. Em janeiro/95 realizou-se em Curitiba o VIII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis, contando o Movimento Homossexual Brasileiro com aproximadamente 50 grupos, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, incluindo 5 grupos de lésbicas, três grupos de travestis e o recém fundado LivreMente, o primeiro grupo de transexuais de nossa história. Muitos desses grupos homossexuais têm trabalhos dirigidos à prevenção da AIDS junto à comunidade homossexual local.

Porque os homossexuais se organizam em grupos? Um grupo homossexual funciona como uma espécie de sindicato para defesa da categoria, reunindo forças para lutar contra a discriminação e pressionar o poder público a garantir os direitos de cidadania dos gays, lésbicas, travestis e transexuais. Provavelmente também os bissexuais vão se incorporar ao movimento, pois assim acontece nos países civilizados, onde os bissexuais se organizam enquanto entidade diversa dos gays e heterossexuais.

Três são basicamente os objetivos do Movimento Homossexual Brasileiro: lutar contra todas as expressões de homofobia (intolerância à homossexualidade); divulgar informações corretas e positivas

a respeito da homossexualidade; conscientizar gays, lésbicas, travestis e transsexuais da importância de se organizar para defender seus direitos de cidadania.

Os grupos gays, lésbicos e de travestis e transsexuais funcionam através de reuniões onde os membros dos grupos e visitantes discutem informalmente sobre os principais problemas do dia a dia de suas comunidades, planejam ações de divulgação de seus objetivos, além de funcionarem como grupo de apoio no processo individual de cada homossexual em seu processo de autoestima e de assumir-se socialmente. O depoimento dos frequentadores destes grupos é sempre muito positivo, pois para muitos, estas reuniões semanais são a única oportunidade e local onde se pode falar e viver livremente a própria orientação sexual, sem medo ou receio de reprovação ou discriminação.

Nestes quase 20 anos de existência, o Movimento Homossexual Brasileiro apesar de contar com reduzidos recursos humanos e materiais, obteve importantes vitórias no reconhecimento dos direitos humanos dos gays e lésbicas. Em 1985 conseguiu que o Conselho Federal de Medicina declarasse que no Brasil a homossexualidade não mais poderia ser classificada como "desvio e transtorno sexual". Em 1989 incluiu no Código de Ética dos Jornalistas a proibição de discriminação por orientação sexual. Em 1990, nas leis orgânicas de 73 municípios e nas constituições dos Estados de Sergipe, Mato Grosso e Distrito Federal, foi incluída a expressa proibição de discriminar por orientação sexual. Em 1995 realizou-se no Brasil a 17ª Conferência da Associação Internacional de Gays e Lésbicas.

A seguir o endereço dos grupos homossexuais existentes nos Estados, listados pelo PN DST/AIDS. Esse Programa pode fornecer, àqueles que desejarem, relação completa de todas as ONG/AIDS do Brasil.

MOVIMENTO HOMOSSEXUAL DE BELÉM

CAIXA POSTAL 1559
66017-970 - BELÉM - PA

GRUPO DE RESISTÊNCIA ASA BRANCA

CAIXA POSTAL 421
60001-970 - FORTALEZA - CE

MOVIMENTO DO ESPÍRITO LILÁS

CAIXA POSTAL 224
58001-970 - JOÃO PESSOA - PB

SATYRICON

CAIXA POSTAL 115
55810-000 - CARPINA - PE

AMHOR

CAIXA POSTAL 3656
AGÊNCIA SÃO JOSÉ
50022-970 - RECIFE - PE

ASSOCIAÇÃO GAY DE PERNAMBUCO
CAIXA POSTAL 424
54321-970 - JABOATÃO DOS GUARARAPES - PE

GRUPO HABEAS CORPUS POTIGUAR
CAIXA POSTAL 576
59022-970 - NATAL - RN

GRUH MAC
RUA DOUTOR PEDRO VELHO, 200
59280-000 - MACAÍBA - RN

DIALOGAY
CAIXA POSTAL 298
49070-001 - ARACAJU - SE

GRUPO GAY DA BAHIA
CAIXA POSTAL 2552
40060-260 - SALVADOR - BA

GRUPO LÉSBICO DA BAHIA
CAIXA POSTAL 6430
40060-970 - SALVADOR - BA

GRUPO ESTRUTURAÇÃO
CAIXA POSTAL 3636
70084-970 - BRASÍLIA - DF

GRUPO IPÊ ROSA
CAIXA POSTAL 114
74001-970 - GOIÂNIA - GO

GRUPO LIVRE MENTE
CAIXA POSTAL 1097
78005-970 - CUIABÁ - MT

ATOBÁ - MOVIMENTO DE EMANCIPAÇÃO HOMOSSEXUAL
AV. PROF. CARVALHO DE MELO, 471 - MAGALHÃES BASTOS
21735-110 - RIO DE JANEIRO - RJ

ARCO-ÍRIS
RUA DO BISPO, 301/805 - TIJUCA
20261-062 - RIO DE JANEIRO - RJ

AGANI
RUA MARCIAL, N° 42 - JUSCELINO
26225-140 - NOVA IGUAÇU - RJ

ASTRAL
RUA SENADOR CORREIA, 48 - LARANJEIRAS
20021-030 - RIO DE JANEIRO - RJ

GRUPO AFINS
CAIXA POSTAL 716
11001-970 - SANTOS - SP

C F L - COLETIVO DE FEMINISTAS LÉSBICAS

CAIXA POSTAL 62641
01295-970 - SÃO PAULO - SP

ESTAÇÃO MULHER

CAIXA POSTAL 62631
01295-970 - SÃO PAULO - SP

GL-USP

CAIXA POSTAL 1270
01050-970 - SÃO PAULO - SP

GRUPO ETCETERA E TAL

RUA DRONSFIELD, 359 - LAPA
05074-000 - SÃO PAULO - SP

REDE DE INFORMAÇÃO LÉSBICA - UM OUTRO OLHAR

CAIXA POSTAL 65092
01390-970 - SÃO PAULO - SP

EXPRESSÃO

CAIXA POSTAL 150
13012-970 - CAMPINAS - SP

CORSA

CAIXA POSTAL 173
13200-970 - JUNDIAÍ - SP

GRUPO DIGNIDADE

CAIXA POSTAL 1095
80001-970 - CURITIBA - PR

GRUPO ESPERANÇA

CAIXA POSTAL 5165
80061-970 - CURITIBA - PR

NUANCES

CAIXA POSTAL 1747
90001-970 - PORTO ALEGRE - RS

Violência Anti-Homossexual

Há gente preconceituosa que diz que homossexual ou morre de AIDS ou assassinado. Lastimavelmente, muitos gays terminam assim seus dias. Um Projeto de Prevenção deve preocupar-se não apenas com a saúde da população-alvo, como sobreviver à epidemia da AIDS, mas também deve visar aumentar a autoestima e o reforço de sua cidadania. Daí incluir o tema "direitos humanos dos homossexuais" neste manual de formação do multiplicador.

A cada quatro dias um homossexual é barbaramente assassinado no Brasil, vítima da *HOMOFOBIA* (ódio à homossexualidade). Mais de 1500 gays e 50 lésbicas foram cruelmente executados, de 1980 a 1995, simplesmente pelo fato de amarem pessoas do mesmo sexo. O Brasil

é o país do mundo onde ocorre o maior número de homicídios de homossexuais, e onde a maioria dos assassinos continua sem punição.

O texto abaixo fornece aos homossexuais, em linguagem direta "10 Dicas de Como Evitar Ser Assassinado". Sua leitura pode auxiliar o monitor a transmitir tais ensinamentos à sua população-alvo num esforço de construção da cidadania.

DEZ DICAS DE COMO EVITAR SER ASSASSINADO

- 1) **Nunca se sinta inferior a ninguém.** Ser homossexual não é crime. A Constituição Federal proíbe qualquer tipo de discriminação. Se alguém humilhar, discriminar ou agredir por ser gay, reaja, discuta, denuncie! **Não se mostre indefeso:** evite demonstrar passividade, medo e submissão. Não faça nada forçado.
- 2) **Evite levar desconhecidos para dentro de sua casa.** A maioria dos gays assassinados foram executados no próprio quarto. Prefira transar em hotel, motel ou sauna. Ao chegar no hotel, exija que o parceiro deixe o documento na recepção e **avise ao porteiro que vocês vão sair juntos.** Se sofrer alguma ameaça, grite **socorro!**
- 3) Se levar alguém para casa, **tranque a porta e esconda a chave.** Nunca deixe armas, facas e objetos perigosos à vista. **O dono da casa é você, não o visitante.** Se você se sentir inseguro, diga que você não é o dono do apartamento e que seu irmão policial já vai chegar e por isto é melhor ir embora e deixar a transa para o futuro.
- 4) **Nunca humilhe o parceiro** querendo parecer mais do que é ou exibindo símbolos de riqueza, jóias, cartões de crédito, etc. Muitas vezes, a ocasião é que faz o ladrão e inúmeros destes assassinatos foram **latrocínio.** O bofe matou o gay para roubar. Muitos michês e travestis pobres vivem na marginalidade: cuidado!
- 5) **Seja bem cuidadoso na escolha de suas transas.** Prefira pessoas já conhecidas de seus amigos. Evite **fantasias suicidas** do tipo levar dois caras para dentro de casa, transar com marginal ou com machões violentos. Quem vê cara não vê coração, mas a experiência ensina a desconfiar de tipos ameaçadores.
- 6) **Cuidado com as bebidas** oferecidas por um paquera desconhecido pois podem conter soníferos. Nunca acompanhe um desconhecido se você bebeu demais e está fora de seu autocontrole. É muito perigoso dormir depois da transa junto com quem você mal conheceu. Se o cara demorou muito em se excitar, atenção! ele pode ser assaltante disfarçado de bofe ou então, estar planejando o ataque.
- 7) **Acerte todos os detalhes antes da transa:** preferências eróticas, duração, preço. Esclareça, por exemplo, se ele

faz tudo, se transa com camisinha, se está afim de grana ou não. Não prometa demais, nem além do que você pode dar pois promessa é dívida, e às vezes, infelizmente, é a bicha caloteira que provoca a violência do bofe.

- 8) **Nunca esconda que é homossexual!** Gay assumido não teme nem chantagem nem extorsão. Não exija também que o parceiro se assuma gay, pois tem muitos michês e bofes que são bissexuais, praticando apenas casualmente o homoerotismo. Não tenha medo de se assumir: é legal ser homossexual! A Constituição está do nosso lado!
- 9) **Mantenha boas relações de vizinhança!** Em momentos de perigo, os moradores do lado poderão salvar sua vida. Não ignore nem esnobe os vizinhos. Não abra mão de sua identidade homossexual mas evite provocar escândalos onde mora. Se eles o discriminam, tente conquistar sua simpatia, demonstrando por sua educação e gentileza, que você é gente de bem.
- 10) Se você for humilhado, agredido, roubado, **procure imediatamente a polícia.** Faça boletim de ocorrência, peça exame de corpo de delito e denuncie o caso ao grupo homossexual de sua cidade ou às entidades de defesa dos direitos humanos. Quem cala, consente! O grito e a denúncia são as armas dos oprimidos. Entre nesta luta!

Outro elemento vital na construção da cidadania da população-alvo é transmitir-lhe informações de como enfrentar a barbárie de nossas cidades, considerando que os mais oprimidos e discriminados são também as vítimas preferidas da violência. A seguir estão listadas dez lições de como evitar a violência anti-homossexual. São mensagens curtas, dirigidas diretamente à população-alvo, mas que servem para qualquer cidadão quando ameaçado nas ruas.

Como evitar a violência anti-homossexual

- 1) Evite andar sozinho em ruas e praças desertas e naqueles locais perigosos onde outros homossexuais já sofreram algum tipo de violência. De noite, prefira as ruas mais movimentadas e tome ônibus ou um táxi se sentir-se ameaçado.
- 2) Não demonstre insegurança, sobretudo se bebeu, se está drogado ou cansado: os marginais dão preferência a vítimas debilitadas. Olhe firme nos olhos das pessoas que vêm em sua direção, demonstrando que está prevenido para se defender.
- 3) Se desconfiar que alguém está lhe seguindo ou vem em sua direção com más intenções, corra imediatamente, de preferência para o meio da rua (cuidado para não ser atropelado!). Nestes casos, é melhor prevenir pois a hesitação pode causar problemas mais graves. Olhe sempre para trás quando andar sozinho.
- 4) Se algum motorista parar para lhe pedir alguma informação, antes, olhe bem dentro do carro se não é uma armadilha, e de preferência, responda de onde está. Se for ameaçado,

corra para trás, entre dentro de uma loja ou peça socorro numa casa próxima.

- 5) Se você for atacado, o mais prudente é correr e tentar chamar a polícia ou alguém que ajude a prender o agressor. Se você for ameaçado com arma, tente dialogar calmamente. Se são vários os agressores, corra, grite: "socorro, ladrão!", até encontrar alguém que o defenda.
- 6) Gay medroso e covarde já era! Aprenda algumas técnicas simples de autodefesa: se você for atacado e avalia que pode enfrentar o agressor, grite contra ele e ataque-o com o que encontrar à mão: sua bolsa, um saco de lixo, pedras, um pedaço de pau. Chute-o na virilha, dê porrada no rosto, pescoço e barriga, e se a coisa apertar, mostre que é esperto: saia correndo!
- 7) Se você for atacado e cair no chão, defenda a cabeça entre os braços e pernas. Se for ferido, grite por ajuda e vá imediatamente ao pronto socorro. Ligue do hospital primeiro a um amigo ou parente e em seguida dê parte à polícia: Tel. 190. Ligue para o plantão policial dos jornais dando detalhes sobre o agressor. Vá ao Instituto Médico Legal fazer corpo de delito. O mais rápido que puder, procure um grupo homossexual ou uma comissão de direitos humanos (na Câmara Municipal, na Assembléia Legislativa, na Defensoria Pública), relatando detalhadamente a ocorrência.
- 8) Se você viu algum gay ou lésbica sendo atacado, tente reunir outras pessoas para espantar os agressores. Grite para que os moradores do local ajudem a prestar socorro. Telefone imediatamente para a polícia ou corra ao módulo policial mais próximo. Ajude a vítima, acompanhando-a ao pronto socorro ou à delegacia de polícia.
- 9) Se você ou algum conhecido seu, gay ou lésbica, foi vítima de violência, você não pode ficar calado: procure o grupo homossexual de sua cidade, ou o grupo mais perto.
- 10) Reaja sempre que for vítima de preconceito, discriminação ou violência anti-homossexual. Reaja gritando, correndo, revidando as agressões, denunciando na polícia, processando, divulgando nos jornais. Quem cala, consente! Não seja conivente com o machismo, lute contra a homofobia. Divulgue junto à comunidade homossexual casos recentes de violência anti-gay/lésbica. Aponte (discretamente, é claro) os agressores aos colegas.

Garantias Legais da Cidadania dos Homossexuais

Desde 1821, quando foi extinto o terrível e incendiário Tribunal da Inquisição, o homossexualismo deixou de ser crime no Brasil. Isto muito antes da abolição da escravatura, e antes de muitos países da Europa, onde somente nos últimos anos é que o amor entre pessoas do mesmo sexo deixou de ser tratado como crime.

Em alguns países islâmicos do Oriente e da África,

e infelizmente ainda na América Latina, na Nicarágua e Equador, os gays e lésbicas são presos por "conduta imoral".

Com a Constituição de 1988, negros, mulheres e índios obtiveram grandes vitórias no respeito a seus direitos de cidadania, tanto que o racismo passou a ser considerado crime inafiançável, os índios tiveram a garantia da demarcação de suas terras e as mulheres o reconhecimento de direitos iguais aos dos homens. Infelizmente, por mais que os grupos organizados de homossexuais lutassem, os Constituintes não acataram sua reivindicação de incluir na Carta Magna a proibição de discriminar por "*orientação sexual*". O Movimento Homossexual Brasileiro continua lutando para que os parlamentares finalmente se convençam de que os mais de 15 milhões de gays, travestis e lésbicas brasileiros constituem o grupo social mais discriminado no país, devendo portanto aprovar uma emenda constitucional que garanta como um direito inalienável de todo cidadão sua livre orientação sexual. A África do Sul foi a primeira nação do mundo a incluir em sua Carta Magna a proteção aos homossexuais: um exemplo a ser seguido por todos que condenamos o *apartheid*!

Apesar de não ser crime a prática homossexual entre maiores de 18 anos, infelizmente, com frequência temos notícia de abuso de poder por autoridades civis ou policiais, ou por parte de firmas e empresas, que aberta ou veladamente, praticam graves discriminações contra gays e lésbicas. Ninguém pode ser discriminado nem privado de qualquer direito universal simplesmente por ser homossexual. E se você ou qualquer pessoa for preso ou sofrer agressão física ou moral por ser homossexual, a Lei está do seu lado! Não fique calado! Nestas próximas páginas você encontrará dicas de como deve proceder e quais artigos deve citar da Constituição Federal, do Código Penal e do Estatuto da Criança e do Adolescente, no caso de ser vítima de alguma discriminação ou sofrer prisão injusta.

1) Não existe no Brasil nenhuma Lei que criminalize a homossexualidade. *É legal ser homossexual.* Nem o Código Penal, nem a Constituição Federal proíbem o amor entre pessoas do mesmo sexo maiores de 18 anos. Portanto, se você for ameaçado, discriminado ou preso por ser gay, lésbica, travesti, transexual ou bissexual, isto é ilegal, abuso de poder, crime contra o direito de cidadania. Nunca se acovarde perante tais abusos. A Lei está do seu lado! Lute por seus direitos.

Eis os artigos da **Constituição Federal** que o protegem, se você for vítima de abuso do poder:

Artigo 5º: "*Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se a todos a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.*"

- ♦ "*Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei.*" (parágrafo 2)
- ♦ "*Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante.*" (§ 3)

- ♦ *São invioláveis a intimidade, a vida privada e a honra dos cidadãos. " (§ 10)*

- 2) **Ninguém pode ser detido se não praticou crime ou delito.** Ser homossexual não é crime. Só pode ser preso quem for surpreendido cometendo um crime em flagrante, ou por ordem de um juiz. Desmunhecar, travestir-se, namorar com pessoa do mesmo sexo em local público, ir para hotel com outro homossexual - nada disto é crime, e ninguém pode ser ameaçado ou preso por praticar tais atos. Tirar a roupa ou exibir os órgãos genitais na rua, fazer sexo nas vias públicas, isto sim, é considerado "atentado público ao pudor", mas o rigor na repressão a estes delitos deve ser igual para heterossexuais e homossexuais. A prostituição, seja de mulheres, seja de homens, não é mais considerada crime no Brasil.

Eis os parágrafos da **Constituição Federal** que protegem nossa cidadania:

Artigo 5º: *"Ninguém será preso senão em flagrante delito ou por ordem escrita e fundamentada de autoridade judiciária competente."* (§ 51)

"A prisão de qualquer pessoa e o local onde se encontre serão comunicados imediatamente ao juiz competente e à família do preso ou à pessoa por ele indicada." (§52)

- 3) **Se você for preso por qualquer motivo relacionado à homossexualidade, procure argumentar, mas não resista à prisão.** Exija ser tratado sem violência física ou verbal, como manda a Constituição e o Código Policial. Nunca desafie ou insulte o policial, pois isto seria desacato à autoridade, e poderia provocar violência contra você. Não negue que é homossexual, e diga que a Constituição proíbe a discriminação contra os gays e lésbicas. Nas cidades onde há grupos organizados de homossexuais, geralmente a polícia sabe de sua existência e se você disser que conhece ou é membro do "sindicato dos gays", isto poderá contar em seu favor.
- 4) Memorize, ou se possível **anote cuidadosamente o nome do policial, o tipo e chapa da viatura, o local e horário onde foi preso** ou sofreu qualquer tipo de violência policial. Se foi agredido, logo que for solto, vá ao **Instituto Médico Legal** para fazer **corpo de delito**, se possível, com testemunhas que presenciaram o abuso de poder policial. Tire foto mostrando o ferimento ou lesão em seu corpo.

Também aqui a **Constituição Federal** nos protege:

Artigo 5º: *"O preso tem direito à identificação dos responsáveis por sua prisão ou por seu interrogatório policial."* (§ 54)

- 5) Toda pessoa presa tem direito legal de entrar em contato com sua família e assistência de advogado. Ninguém é obrigado a fazer declaração, nem assinar documento algum se não quiser.

Eis a garantia da Constituição:

Artigo 5º: "O preso será *informado de seus direitos, entre os quais de permanecer calado, sendo-lhe assegurada a assistência da família e de advogado.*" (§53)

6) Logo que for solto, se foi vítima de prisão injusta (abuso de poder) ou mesmo tendo sido preso por justa causa, se foi humilhado ou sofreu violências por ser gay, lésbica ou travesti, procure imediatamente um grupo homossexual, para receber orientação e denunciar este fato junto às autoridades estaduais, federais e aos meios de comunicação. Calar-se ou esconder quando se é vítima de **homofobia** equivale a dar força e impunidade para os algozes. Quanto maior publicidade der a casos de discriminação, mais a vítima fica protegida pois os policiais agressores temem represálias de seus superiores.

7) Eis a lista dos **órgãos públicos que você deve recorrer** no caso de ser vítima de uma prisão abusiva ou ter sofrido discriminação ou tortura por ser homossexual:

- ◆ **Prefeitura e Câmara Municipal:** procure a Comissão de *Direitos Humanos*, pois esta comissão existe exatamente para defender os abusos ao direito de cidadania. Confira com os Vereadores se a cidade onde você mora não está na lista dos 73 Municípios (como Salvador, S.Paulo, Rio de Janeiro, etc) e nos Estados de Sergipe, Mato Grosso e Distrito Federal onde a Lei Orgânica ou a Constituição Estadual proíbem discriminação contra a "orientação sexual" dos indivíduos. Cobre o cumprimento da Lei!

- ◆ **Assembléia Legislativa:** também aí existe outra *Comissão de Direitos Humanos* a quem você deve denunciar e pedir providências;

- ◆ **Secretaria de Segurança Pública:** procure ser recebido ¹ pelo chefe do gabinete do Secretário, peça uma audiência, de preferência levando já uma "representação" (uma folha de papel onde você denuncia o ocorrido com todos os detalhes). Diga que está enviando cópia para o Governador de seu Estado;

- ◆ **Defensoria Pública:** é um órgão da Justiça, geralmente situado no próprio Fórum de sua cidade; aí os Promotores e Procuradores são pagos para fazer a Lei ser respeitada e que se você demonstra não ter recursos, são obrigados a indicar advogado para defender sua causa;

- ◆ **Ordem dos Advogados:** a **OAB** também dispõe de uma comissão de direitos humanos, com serviço de advogados que gratuitamente atendem vítimas de crimes de abuso do poder.

Se nestes lugares você novamente for vítima de discriminação

por ser gay, lésbica ou travesti, entre em contato com algum grupo homossexual, pois neste caso, a solução é denunciar diretamente a Brasília, ao Ministério da Justiça ou à própria Presidência da República ou então, à Anistia Internacional e outros Órgãos Internacionais, como a **Fundação Européia de Direitos Humanos** e o **Fundo Norueguês de Direitos Humanos** - duas entidades que, solidárias com a violação dos direitos de cidadania dos gays, lésbicas e travestis do Brasil, financiaram a *"Campanha contra a violência anti-homossexual no Norte e Nordeste do Brasil"*.

- 8) Os **meios de comunicação** podem igualmente ser aliados na luta contra a homofobia. Muitos jornais dispõem de *plantão policial*. No caso de sofrer algum abuso policial ou outro tipo de violência, ligue **102** ("Informação grátis") e peça o telefone dos principais jornais de sua cidade. Ligue e peça para falar com a REDAÇÃO ou PLANTÃO POLICIAL. Primeiro se identifique e então explique claramente o ocorrido. Se tiver alguma marca de ferimento, insista para que façam fotografia. Se for de dia, tente ligar também para alguma televisão, pois os repórteres policiais podem se interessar pelo seu caso. O importante é denunciar, botar a boca no trombone.
- 9) Se você é **menor de 18 anos** e for gay, lésbica ou travesti, saiba que ninguém pode obrigar você a mudar sua tendência erótica. **A livre orientação sexual é um direito humano fundamental** de todo ser cidadão, garantido tanto pela *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, pela *Constituição Federal* e pelo *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Caso você sofra algum tipo de pressão ou violência psicológica ou física por ser homossexual, procure o **Conselho Tutelar** de sua cidade que é o órgão encarregado de zelar pelo cumprimento do *Estatuto do Adolescente*. Se for internado na FUNABEM ou juizado de menores, exija que sua integridade física e psicológica como homossexual seja respeitada, e se *sofrer violência sexual, exija que façam corpo de delito e que seja atendido por algum advogado da defensoria pública*.

Eis os artigos do **Estatuto da Criança e do Adolescente** que protegem os homossexuais menores de 18 anos:

Artigo 15: "A criança e o adolescente têm direito a liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição Federal e nas leis."

Artigo 17: "O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças dos espaços e objetos pessoais."

Artigo 18: "É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor."

- 10) Se você é gay, lésbica ou travesti e está cumprindo

pena de prisão por algum delito comum, você deve exigir ser respeitado em sua condição de homossexual. Se sofrer violência sexual, exija ser transferido para local seguro e denuncie junto à OAB, Comissão Carcerária, a grupo gay ou lésbico. Procure apoio junto aos outros homossexuais do mesmo setor, pois a união faz a força em situações de abuso e violência. Em qualquer lugar e em todo o momento, gays, lésbicas e travestis devem ter em mente que também são seres humanos, que o homoerotismo não é crime e que as Leis defendem direitos de **igualdade.** **"TODOS OS SERES HUMANOS NASCEM LIVRES E IGUAIS EM DIGNIDADE E DIREITO".** (Declaração Universal dos Direitos Humanos, Art.1)

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica em português. (Se você não encontrar nas livrarias ou bibliotecas, peça através das Editoras).

1. FRY, Peter & MacRAE, Edward. O Que é Homossexualidade. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
2. HART, J. & RICHARDSON, Diane. Teoria e Prática da Homossexualidade. São Paulo: Zahar Editores, 1983.
3. MOTT, Luiz. O Lesbianismo no Brasil. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1988.
4. TREVISAN, Silvério João. Devasso no Paraíso. São Paulo: Ed. Max Limonade, 1986.
5. DANIEL, Marc & BAUDRY, André. Os Homossexuais. Rio de Janeiro: Ed. Artenova, 1977.
6. HOCQUENGHEN, Guy. A Contestação Homossexual. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.
7. GUÉRIN, Daniel. A Revolução Sexual. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.
8. VIDAL, Marciano. Homossexualidade: Ciência & Consciência. São Paulo: Ed. Loyola, 1985.
9. NOVOS RUMOS DO PENSAMENTO CATÓLICO. A Sexualidade Humana. Petrópolis: Ed. Vozes, 1982.
10. GRUPO GAY DA BAHIA. Cadernos de texto do grupop Gay da Bahia. Salvador: Ed. GGB, 1990.
11. LIMA, Décio. Os Homoeróticos. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 11983.
12. PARKER, Richard. Corpos, Prazeres e Paixões: A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro: Ed. Bestseller, 1991.
13. PORTINARI, Denise. O Discurso da Homossexualidade Feminina. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
14. MacRAE, Edward. A Construção da Homossexualidade no Brasil da Abertura. Campinas: Ed. da UNICAMP.
15. PERLONGHER, Nestor. O Negócio do Michê. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
16. SILVA, Hélio. Travesti: A intenção do Feminino. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1993.
17. MICCOLIS, Leila & DANIEL, Herbert. Jacarés e Lobisomens: Dois Ensaio Sobre a Homossexualidade. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1983.
18. COSTA, Jurandir Freire . A Inocência e o Vício. Estudos Sobre o Homoerotismo. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1992.

19. MACHADO, Luiz Carlos. Descansa em Paz, Oscar Wilde. Rio de Janeiro: Ed. Pasquim, 1982.

20. MAURY, Mára. Uma Flor Para os Malditos: Homossexualidade na Literatura. Campinas: Ed. Papirus, 1984.

21. MISSE, Michael. O Estigma do Passivo Sexual. Rio de Janeiro: Ed. Achiamé, 1979.

22. OLIVEIRA, Neuza. Damas de Paus: O Jogo Aberto dos Travestis no Espelho da Mulher. Salvador: Ed. da Univ. Federal da Bahia, 1994.

LIVROS SOBRE AIDS

(Utilizados na elaboração deste Manual)

APTA. Como falar de Aids nas Escolas. São Paulo, 1994.

BEMFAM. Falando de Aids. Um guia para o trabalho comunitário. Rio de Janeiro, 1989.

BEMFAM. Prevenção de DST/AIDS. Manual de Apoio a Educadores. Rio de Janeiro, 1994.

DANIEL, H. & PARKER, R. Aids: a terceira epidemia. Rio de Janeiro: Iglu Editora, 1991. GAPA/Ba. Manual para Educadores Comunitários em Aids. Salvador, s/d.

GRUPO PELA VIDA. Direitos das Pessoas vivendo com HIV e Aids. Rio de Janeiro, 1993.

GAPA-SP. Guia Completo de sexo seguro. São Paulo: Instituto Avançado de Sexualidade Humana, 1991.

HAUTE, M. Una noche, un condón, un placer, un amor. Sistematización, programa y propuesta de prevención de HIV.SIDA. Madrid, 1992.

MANN, Jonathan (org.) A Aids no Mundo. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Abia, 1993. MINISTÉRIO DA SAÚDE. O Trabalho Pedagógico do Instrutor/Supervisor. Brasília: 1988.

MOTT, Luiz. A penetração do preservativo no Brasil pós-Aids. Rio de Janeiro: Bemfam, 1989.

